

# AS CARTAS DA RELIGIOSA PORTUGUEZA

---

## I

Fado máo da Litteratura portugueza! o que ella ostenta de mais bello, é justamente do que não apresenta titulo por onde reivindique a sua posse. A nossa incuria tem deixado perder os originaes das creações mais importantes da arte: conhecemos o *Amadis de Gaula* pela traducção hespanhola<sup>1</sup>; a polemica sobre a redacção portugueza do *Palmeirim de Inglaterra* tem corrido á revelia, e é o hespanhol Benjumêa quem n'ol-a restitue com imparcialidade<sup>2</sup>; a *Castro de Ferreira*, attribuida ao hespanhol Bermudez, foi-nos outra vez entregue por Martinez la Rosa; a personalidade historica de Grão Vasco, perdida no esquecimento das nossas cousas, foi finalmente descoberta pelo inglez Robinson<sup>3</sup>; ás *Cartas da Religiosa portugueza* eram sómente conhecidas pela traducção franceza antiga de Subligny, e confundidas com falsificações rhetoricas; não só se ia perdendo o criterio da sua authenticidade psychologica, como a propria personalidade historica de Marianna Alcoforado se apagava nas nevoas tradicionaes do mytho.

José Maria de Sousa Botelho, publicando em 1824 uma edição portugueza das *Cartas da Religiosa*, exclama com pasmo: «Ten-

---

<sup>1</sup> Fizemos o processo de reivindicacção d'esta novella, primeiramente em um artigo *Origem portugueza do Amadis de Gaula* (na Rivista de Filologia romanza, fasc. III) o qual pretendeu refutar o Dr. Ludowig Braunfels no seu *Ensaio critico sobre o romance do Amadis de Gaula*, Leipzig, 1876. O valor dos seus argumentos foi sem difficuldade annullado na resposta que sob o titulo *Ainda a questção do Amadis de Gaula* publicámos no fasc. II do *Positivismo*. Os argumentos do Dr. Braunfels crêmos terem-lhe sido em parte suggeridos de Portugal, porque os ouvimos dois annos antes da publicacção do livro. A questção ficou largamente tratada no nosso livro sobre as *Novellas portuguezas de Cavalleria*. Vid. *Era Nova*, pag. 184.

<sup>2</sup> No nosso artigo *Reivindicacção portugueza do Palmeirim de Inglaterra* (Revista de Lisboa, 1877) apresentámos novos argumentos e um documento historico por onde se demonstra a nossa posse.

<sup>3</sup> Fortificámos com novos factos historicos a descoberta de Robinson, no nosso estudo *Grão Vasco,—Determinacção da personalidade historica*. (*Positivismo*, fasc. I.)

do-se perdido os originaes d'estas *Cartas*, maravilha-me que, decorridos tantos annos depois da sua publicação, nenhum portuguez tentasse restituil-as á nossa lingua, e reivindicar por qualquer modo uma propriedade nacional.» Sousa Botelho fez o admiravel processo de separar as *cinco* Cartas authenticas da Religiosa das sete falsificações rhetoricas francezas que as prejudicavam, attribuindo a gloria da descoberta da personalidade de Marianna Alcoforado ao illustre erudito Boissonade, que a encontrára em uma nota manuscrita do seculo xvii. Sousa Botelho não pôde investigar a genealogia de Marianna Alcoforado, mas pelo seu processo ás cinco Cartas authenticas, e pela descoberta de Boissonade ficou achado o caminho para uma verificação historica. Se a Mesa Censoria no terceiro quartel do seculo xviii prohibiu a publicidade das *Cartas da Religiosa portugueza*, os criticos portuguezes, como Herculano<sup>1</sup>, Felner<sup>2</sup> e Castello Branco<sup>3</sup>, pronunciaram-se contra a existencia da propria Marianna Alcoforado. Ficou assim a questão cortada. A questão era difficil de resolver, porque a familia dos Alcoforados apresenta uns tres ramos na mesma epoca; um, que seguia o partido de Hespanha nas guerras da restauração de Portugal<sup>4</sup>, outro que figura nas traições duramente punidas por D. João iv<sup>5</sup>, e um

<sup>1</sup> *Semana*, t. ii, p. 493. Opinião communicada a Lopes de Mendonça.

<sup>2</sup> Em conversa com o erudito Felner revelou-nos elle que depois de longas pesquisas chegára á conclusão de que Marianna Alcoforado não tinha existencia, e isto depois de mandadas fazer pesquisas inuteis nos livros das Profissões em Beja.

<sup>3</sup> No *Curso de Litteratura portugueza* citam se as Cartas como uma falsificação litteraria, e nas notas vem trechos de um nobiliario manuscripto, não entendidos, que contradizem a conclusão do texto.

<sup>4</sup> No Ms. *Familias de Portugal tiradas dos Nobiliarios mais apurados...* do padre Jacintho Leitão Manso de Lima, Letra A, t. ii, fl. 270 v. (da Bib. Nac.) vem: «Diogo Corrêa Alcoforado, filho de Gonçalo Corrêa Barba; passou a Flandres onde serviu a corda de Castella na guerra em varios postos, até o de General de cavalleria, e passando a Hespanha serviu contra Portugal na Fronteira do Alemtejo, e no mesmo anno de 1663 ficou prisioneiro na batalha de Montes Claros entre 6:000 que experimentaram o mesmo infortunio. Faz d'elle memoria o Conde da Ericeira no seu *Portugal restaurado*, t. ii, liv. 10, p. 722..»

<sup>5</sup> No mesmo Ms. de Manso de Lima, supracitado, vem a noticia de outros Alcoforados, mais propria para lançar a confusão sobre o problema: «Bento de Mesquita Alcoforado—nasceu na Cidade de Ceuta; veiu com seus pais para Lisboa de idade de dois annos; perdeu seus pais ainda menino, e depois com a prisão do Duque de Caminha o prenderam tambem, e pela morte do dito Duque ficou sem estado e preso, até que reconhecendo-se a sua innocencia foi solto. Casou no anno de 1643, tendo dezoito annos de idade, com D. Marianna de Teive, que tinha dezenove annos...» Entre os seus filhos cita uma D. Eufrasia casada com Manuel Vieira Botado de quem houve: «D. Marianna, mulher de José Gonçalves, criado de el-rei D. Pedro ii, e capitão de cavallos na côrte; sendo morto por D. Francisco Pereira Coutinho, o Cahim, se meteu a freira em Santa Anna. s. g.» Uma dobra n'esta folha do Nobiliario revela-nos que ali se fizeram investigações, que só serviram para desnortear o critico.

ultimo e obscuro, que vivia em Beja e que debalde se procura nos mais importantes manuscriptos genealogicos. Era a este ultimo ramo que pertencia Marianna Alcoforado, como adiante verêmos; só casualmente em alguma isolada memoria genealogica se poderia encontrar indicação d'esta familia sobre quem pezava o esquecimento desde o assassinato do pagem Antonio Alcoforado pelo Duque de Bragança D. Jayme. De facto existiam memorias particulares, que cita o padre Manso de Lima ao referir-se á ascendencia do pagem assassinado: «segundo memorias do Desembargador Francisco Monteiro de Montarroyo, que conserva seu neto Fernão Figueira de Azevedo.» Essas Memorias seriam por ventura aproveitadas para os *Tratados genealogicos* de Cabedo, que é onde se encontram noticias completas sobre esse ramo dos Alcoforados de Beja, que se nobilitou outra vez pelas armas e pela toga.

Na familia de Marianna Alcoforado o amor tinha sido sempre uma fatalidade; uma sua ascendente «foi dama da Duqueza de Bragança D. Isabel, irmã de el-rei D. Manuel, e namorando-se d'ella o Duque D. Fernando II, teve, segundo memorias do Desembargador Francisco Monteiro de Montarroyo, a filha seguinte:

«Genebra Alcoforado, que ficando desamparada pela morte de seu pae o Duque D. Fernando, casou com um fidalgo biscainho e teve:

«Antonio Alcoforado, que foi pagem do Duque D. Jayme, e por ser muito gentil homem e de boas prendas, se namorou d'elle uma dama da Duqueza, D. Joanna de Gusmão, e por elle lhe não corresponder ao seu amor, se quiz vingar d'elle e o accusou ao Duque, dizendo que elle tinha tratos illicitos com a Duqueza, de que se seguiu matal-o o Duque a elle e á Duqueza innocentemente, como é notorio nas historias.»<sup>1</sup> D'esta familia é que descende Marianna Alcoforado, que chegou pela fatalidade da sua organização a descobrir a linguagem mais profunda do amor.

As *Cartas de uma Religiosa portugueza* podem hobrear com as de Heloisa; o amor da idade media é o mesmo dos tempos modernos, e sêl-o-ha da eternidade. Eis a alma peninsular na sua expansão ferosa; um raio do sol do Oriente illuminou o interior sótno e frio da cella monastica; o coração pulsou ainda debaixo da pedra tumular. Póde-se dizer com Goëthe, na *Noiva de Coryntha*: «De que valem o sal e agua quando o coração palpita com mocidade.»

Dos povos da Peninsula, o portuguez é o que tem mais pronunciado o character celtico: *aventureiro e amoroso*. Na comedia de

<sup>1</sup> Ms. de Manso de Lima, t. II, fl. 275 v.

*Dorothea*, diz Lope de Vega: «Eu, senhora, tenho *olhos de criança e alma de portuguez.*»—D'onde nos viria esta fama de apaixonados e sensíveis? Vicente Espinel, na *Vida del escudero Marcos de Obregon*, diz em uma passagem — «*namoraba quantas encontraba; de manera que no habia portuguez más azucarado que yo.*»<sup>1</sup> D. Francisco Manuel de Mello tambem conheceu este facto.

A sensata madame de Sévigné allude á mesma sensibilidade: «il me parle de son coeur à toutes lignes; si je lui faisais réponse sur le même ton, ce serait *une Portugaise.*»<sup>2</sup> E modernamente Balzac, nas creações verdadeiras da *Comedia Humana*, personifica em um portuguez *Ajuda-Pinto*, todo o ardor da alma peninsular.

Eis como um grande critico Saint Beuve considera as *Cartas de uma Religiosa portugueza*, que estudamos:

«Em 1663, aconteceu querer a politica de Luiz XIV socorrer Portugal contra a Hespanha, mas por uma maneira indirecta; ministrou por debaixo de mão os subsidios, favoreceu as lévas, e uma multidão de voluntarios para ali correu. Entre este pequeno exercito, commandado por Schomberg e o pobre exercito hespanhol que lhe disputava o terreno, houve, de parte a parte, bastantes marchas e contra-marchas de exiguo resultado, muitas escaramuças e pequenos combates, entre os quaes, parece que uma victoria. Quem se lembra hoje de tudo isto? Mas o leitor curioso, que só procura o seu encanto, não se tem que não diga, que tudo isto foi bom, porque d'isto deviam de nascer as *Cartas de uma Religiosa portugueza.*»<sup>3</sup>

A lucta constante para a restauração de uma nacionalidade, considerada como accessoria, diante de uma obra de arte! Parece injusto; mas se repararmos que o genio nacional nada lucrou com a restauração, e desde 1640 até hoje tem levado uma vida valetudinaria, dá vontade de esquecer a tradição heroica, para absorver essas manifestações profundissimas do amor da pobre *Religiosa*.

Na biographia do Conde de Chamilly, descrevendo-se as suas glorias e honras militares, chega-se tambem a esta singular conclusão: «Mas, não é nem á heroica defesa de Grave, nem ao bastão de Marechal de França, que Chamilly deve a sua grande celebridade; deve-a em grande parte á felicidade de ter sido o heroe das *Cartas portuguezas.*»<sup>4</sup> Importa conhecer este monumento nacional.

<sup>1</sup> Pag. 189, ed. de 1868.

<sup>2</sup> Letr. 162, de 19 de julho de 1671.

<sup>3</sup> Saint-Beuve, *Mademoiselle Aissé*.

<sup>4</sup> *Nouvelle Biographie generale*, de Didot, t. IX, p. 611. (1855.)

## II

Ignorou-se muito tempo o nome da *Religiosa portugueza*, que escrevera essas Cartas, unicas capazes de rivalisar com as cartas mais apaixonadas de Heloisa. Ella porém não receia dizer o seu nome: «Deixa, infeliz *Marianna*, deixa de te consummir em vão, e de procurar um amante que não tornarás mais a vêr; que atravessou os mares para fugir de ti; que está em França no meio de prazeres; que não pensa, nem um só momento nas tuas dôres; que te poupa bem todos estes transportes, e não se importa de nada...»<sup>1</sup> Na segunda Carta que lhe escreve, remata tambem: «A vossa *pobre Marianna* não pôde mais... sente-se desmaiar acabando esta carta... adeus, adeus, tende piedade de mim.»<sup>2</sup> O erudito Boissonade completou este nome com o appellido de familia, que encontrou em uma nota manuscrita da edição de 1669, cujo exemplar possuía: «Sobre o meu exemplar de edição das *Cartas portuguezas* de 1669, ha esta nota, de uma letra que me é desconhecida: «*La religieuse qui a écrit ces lettres se nommait Mariane Alcoforado, religieuse à Beja, entre l'Estremadure et l'Andalusie. Le cavallier à qui ces lettres furent écrites était le comte de Chamilly, dit alors le comte de Saint-Leger.*»<sup>3</sup>

Esta nota é escripta por algum contemporaneo do Conde, que então se pavoneava na alta sociedade dando-se ares pela paixão *immensa* que inspirára. Letra desconhecida, no dizer de Boissonade, quer dizer, letra já não usada, letra do fim do seculo xvii. O amor do Conde de Chamilly durou apenas mezes; enviado a Portugal em 1663, partiu para França no anno de 1664; as cinco cartas que recebeu de Soror Marianna foram escriptas no decurso do anno de 1665; não havia bem quatro annos, que já percorriam a Europa na celebre edição de Colonia de Pierre Marteau, anterior á edição de Paris, de 1669, de Claude Barbin. Valeu á *pobre religiosa* o não ser conhecida a lingua franceza em Portugal, senão, sobre o desgosto do injusto desprezo de Chamilly, pezaria mais na sua vida o escandalo da publicidade. O Conde, militar desalmado e imbecil, deixou-se levar pela vaidade; na edição de Haya, de Corneille de Graef, de 1690, o editor declara no prologo pela primeira vez a quem ellas eram dirigidas: «*Le nom de celui auquel on les a*

<sup>1</sup> Lettre, I, p. 50. Edição de Paris de 1853.

<sup>2</sup> Pag. 60.

<sup>3</sup> *Journal de l'Empire*, du 5 janvier, 1810, a proposito do *Manual* de Brunet; e *Catalogue des Livres de Mr. Boissonade*, n.º 4:504 Esta nota apresenta variantes mais acceitaveis no Catalogo, taes como *furent* em vez de *étaient*, e *cavallier* por *chevallier*.

*écrites est M. de Chamilly...*» Este mesmo editor declara que as traduzira em francez Cuilleraque; o abbade de Saint-Leger, na edição de 1796, diz que o militar confiára as Cartas ao advogado Subigny para as traduzir. José Maria de Sousa Botelho, na sua edição de 1824, diz, a proposito da noticia de Boissonade, que procurou na *Historia genealogica da casa de Bragança* noticia d'esta familia. De facto o nome d'essa familia existia, tendo-se fixado no Alemtejo, depois da morte do pagem-nobre Antonio Alcoforado, assassinado pelo Duque de Bragança D. Jayme, quando matou por ciúmes sua esposa D. Leonor de Mendonça, filha dos Duques de Medina Sidonia, em 1512.

A familia do morto saíu de Villa-Viçosa, onde se dera o tragico successo, e o esquecimento d'este ramo dos Alcoforados fez com que se duvidasse da existencia da infeliz Marianna, como Herculano affirmára a Lopes de Mendonça<sup>1</sup> e como nós mesmos ouvimos de Felner, rejeitando toda a realidade historica. Hoje está achada a genealogia da apaixonada Religiosa, e as particularidades da sua linhagem coincidem com algumas circumstancias conservadas nas cinco Cartas authenticas. Os numerosissimos Nobiliarios manuscriptos que enchem as nossas bibliothecas e livrarias particulares, apesar de indigestamente escriptos, suprem até certo ponto os defeitos da secura da historia official, e a falta de Memorias individuaes, que conservam a parte viva dos successos; entre esses livros de costados, existem nove volumes in-folio, intitulados *Tratados genealogicos* escriptos na maxima parte por Jorge de Cabedo, D. João de Aguilar, e José Freire de Montarroyo Mascarenhas<sup>2</sup>; no primeiro volume d'este vasto tratado se falla dos Alcoforados de *Beja*, com noticias por ventura recebidas dos proprios irmãos da Religiosa, que ainda viviam em 1723. Portanto, a nota descoberta por Boissonade confirma-se pelos documentos portuguezes, o que não só certifica a realidade historica da Religiosa, como a authenticidade das Cartas. O pae de Marianna chamava se Francisco da Costa Alcoforado, e fôra criado de Tristão da Cunha, o Torto; pelo facto de ir a Beja por Meirinho de uma Alçada, (official de diligencias) aí se conservou, casando com Leonor Mendes, filha de uma tendeira, por alcunha a *Maricota*. Nas Cartas confirma-se vagamente esta exiguidade de fortuna: «Eu murmurava contra a mediocridade da minha condição; julgava muitas vezes, que a afeição que parecia terdes por mim vos causaria algum desaire.»<sup>3</sup>

<sup>1</sup> *Semana*, t. II, p. 495.

<sup>2</sup> Estiveram á venda no Porto em 1870. Vid. *Catalogo methodico de livros antigos e modernos*, etc., n.º 1:011, p. 76.

<sup>3</sup> Carta v, p. 90. Ed. 1853.

Estas palavras condizem com a humildade da filha de um Meirinho, e neta de uma tendeira, diante de um Conde cheio de philaucia militar. Da familia do Alcoforado, de Villa Viçosa, diz D. Antonio Caetano de Sousa, na *Historia genealogica*: «Ficou a familia do morto desgraçada, e os Duques depois a soccorriam com cuidosa piedade.» (Op. cit., t. x, p. 383.) De facto a esta protecção se deve attribuir a nomeação de Francisco da Costa Alcoforado *Executor do Almojarifado* em Beja.

Do seu casamento com Leonor Mendes houve tres filhos e tres filhas, das quaes a mais moça foi a apaixonada Marianna; o primogenito era Miguel da Cunha Alcoforado, que seguiu a vida das armas, e teve relações pessoaes com o Conde de Chamilly. Na Carta 1, refere-se a esse irmão, que sabia dos seus amores e lhe proporcionára escrever-lhe para França: «Confesso-vos porém, que o ensejo que *meu irmão* me deu de vos escrever, causou-me alguns sobresaltos de alegria...»<sup>1</sup> Esta pequena circumstancia vem confirmar a authenticidade das Cartas; como vimos, este irmão era o primogenito da familia; Miguel da Cunha Alcoforado chegou a Mestre de Campo dos Auxiliares da Comarca de Beja, e ao posto de Coronel de infantaria no regimento de Moura; pelo seu casamento com *D. Brites*, filha do rico lavrador Estevam Montes, chegou a ser grandemente abastado, vivendo ainda em 1723.

Ainda outra explicação de uma pequena circumstancia alludida nas Cartas: esta *D. Brites*, emquanto estava recolhida, por causa da campanha do Alemtejo, no mosteiro da Conceição de Beja, era a confidente dos amores de Marianna: «*D. Brites*, a quem eu acostumára a estas confidencias...»<sup>2</sup> Foi a esta senhora, que veio a ser sua cunhada, que Marianna entregou todas as prendas que recebera de Chamilly; o que prova, que pelas relações com seu irmão, se servia d'este intermedio para elle as remetter ao militar francez. Como todos os vestigios da realidade se acham tão exuberantemente confirmados pelo documento genealogico!

O segundo genito foi Balthazar Vaz Alcoforado, que defendeu conclusões em Coimbra, onde deixou uma anedocta a que allude o genealogista referindo-se a uma decima celebre: «*Culpa fuera, Brites bella.*» Chegou a ser Prior de Bringel. O terceiro filho, chamava-se Francisco da Costa Alcoforado, foi tambem formado em direito, por isso apparece aposentado em 1723 como desembargador da Relação do Porto, tendo casado com uma filha de Belchior de Torres de Sequeira, o Captivo.

<sup>1</sup> Carta 1, p. 53.

<sup>2</sup> Carta v, p. 83.

Depois do nascimento d'estes tres filhos seguiram-se tres filhas, sendo a mais velha D. Anna Maria Alcoforado, que casou com Ruy de Mello Lobo. D. Peregrina Alcoforado professou no Convento da Conceição de Beja, e esta circumstancia nos explica o motivo porque é que Marianna entrou ainda na infancia para o Mosteiro, professando só mais tarde depois da decepção dos seus amores. Na Carta v authentica este facto: «*Eu era criança, e era credula; tinham-me fechado n'este convento desde a infancia.*»<sup>1</sup> Por tanto Marianna, talvez por necessidade de educação, ou costume do tempo, entrou ainda na infancia para o Convento da Conceição, para a companhia de sua irmã D. Peregrina; ali se encontrou com D. Brites Montes, que veio a ser sua cunhada, e ali pelo erotismo mystico do tempo caiu n'essa passividade amorosa, que a immortalizou nas suas Cartas<sup>2</sup>.

Quando o Conde de Chamilly conheceu Marianna, tinha ella a infancia e credulidade de que falla; e já «detestava a tranquillidade em que tinha vivido antes de o conhecer.»<sup>3</sup> Por tanto, teria a pobre religiosa a frescura dos quinze annos, dezoito, quando muito; as suas Cartas, ditadas por um temperamento peninsular, têm a paixão dos trinta annos. A novidade dos seus annos é que lhe deu força para cortar sublimemente com a paixão que a matava;—lançou fóra todas as prendas que lhe restavam de um amor mentido, e renegou da morte e do desalento a que tão cedo fóra condemnada.

A historia dos amores de Soror Marianna deduz-se simplesmente das suas Cartas; ha n'ellas duas partes distinctas que absorvem a attenção do leitor, uma é *externa*, de allusões a factos que se passaram entre ambos; outra é *intima*, do fôro da alma, tão subjectiva como a observação mais bem feita do dominio psychologico. Fallaremos de ambas.

Como veio este francez a Portugal, e para que? Como nasceram esses *amores* no coração da desolada religiosa? Vejamos tambem o retrato do militar feito pelo Tacito do mundo moderno, o Duque de Saint-Simon.

<sup>1</sup> Carta v, p. 94.

<sup>2</sup> Em uma Chronica monastica, fallando das freiras celebres da Conceição de Beja, diz-se alludindo vagamente aos amores de Marianna, que ella «sentira e não consentira.» Por aqui se vê que a tradição amorosa da Religiosa era conhecida em Portugal mesmo antes da entrada das Cartas. Em uma lista dos livros prohibidos pela Mesa Censoria, do terceiro quartel do seculo xviii, acham-se inclusas as *Cartas da Religiosa portugueza*. Por ventura foi esta a epoca em que pela primeira vez foram conhecidas em Portugal, sendo prohibidas pela influencia que poderiam exercer no hysticismo claustral.

<sup>3</sup> Let. III, p. 67.



O Marechal de Schomberg veio commandar a tropa franceza mandada a Portugal por Luiz XIV, a pedido da regente D. Catharina. O Marechal Turenne revistou a officialidade, vindo para Portugal, com um reforço para as fronteiras, Noël Bouton de Chamilly, Conde de Saint-Leger, capitão de cavalleria. Esta circumstancia não pouco influiu para a paixão de Marianna; depois de abandonada, olhava ainda com saudade para os sitios não longe de Mértola, por onde o vira tantas vezes passar a cavallo.

Chamilly era natural de Brabant, oriundo de uma familia nobre de Burgonha. O retrato que o Duque de Saint Simon deixou d'elle nas suas *Memorias* coincide perfeitamente com a ideia revelada por Soror Marianna no momento do desespero.

Militar, acostumado á vida aventureira das armas, não sabia vêr na mulher um sêr delicado, uma flôr que precisa de disvelo e cuidado. Uma organisação robusta criára-lhe necessidades materiaes, exigencias da carne. A mulher para elle era simplesmente um prazer. Satisfeito, nada mais restava do ente apetecido e idolatrado. O genio das armas excluiu o amor n'aquella alma pezada e permittia-se-nos o termo, um tanto *chata*. «Era um homem gordo e encorpado, diz Saint Simon, extremamente distincto pelo seu valor, por muitas acções e até celebre pela defeza de Grave.

«Fallou-se d'elle em diversas occasiões; era um decidido homem de bem e vivia em tudo honradamente; admirava como era tão broma, e sua mulher, bastante espirituosa, via-se ás vezes embaraçada. Em novo servira em Portugal, e a elle foram escriptas as famosas *Cartas portuguezas*, por uma Religiosa que lá conhecera e que endoudecera por elle.»<sup>1</sup>

Marianna, (imagine-se sempre uma rapariga de quinze annos,) conheceu tarde este character. Era irremediavel o resultado: tinhalhe sacrificado honra, futuro, e sobre tudo a religião, o abysmo mais tenebroso que se abria diante d'ella. Marianna accusa-o dos «indignos pretextos da sua partida»<sup>2</sup>, dizendo: «atraçoastes-me todas as vezes que me dizieis que serieis arrebatado se vos visseis a sós commigo.»<sup>3</sup>

«Só ás minhas impertinencias devo vossos enthusiasmos e vossos transportes; fizestes a sangue frio o proposito de me inflamar; considerastes a minha paixão só como uma *victoria* e o vosso coração nunca foi tocado... Não sois vós bem desgraçado? não tendes bem pouca delicadeza, por não ter sabido aproveitar senão *d'esta maneira* as minhas manifestações?» E prosegue: «Tenho

<sup>1</sup> *Memorias*, cap. ciii.

<sup>2</sup> Ed. 1853. Pag. 62.

<sup>3</sup> Pag. 62.

pena, por amor de vós sómente, dos prazeres infinitos que perdestes: era preciso que vós os não quizesseis gosar? Ah! se os conhecesseis, sem duvida acharieis que são mais sensiveis *do que o de me ter enganado.*»<sup>1</sup>

O caracter do Conde de Chamilly está conforme com a accusação de Marianna e com a sentença de Saint-Simon. Aquella alma banal nem sabia mentir dizendo uma palavra de vida a quem lhe pedia amor: «Toda a gente se condõe do meu amor, e vós ficaes n'uma profunda indifferença... sem me escrever senão cartas frias, cheias de repetições, metade do papel sem ser escripto, grosseiramente, parece que morreis com vontade de as ver acabadas...»<sup>2</sup> As cartas que Chamilly escrevia eram ridiculas, com protestos de amisade e de civilidades impertinentes. Fallar de amisade a uma mulher que ama é feril-a mortalmente. Marianna conhece comtudo que o Conde é assim porque não comprehende mais: «Detesto a vossa boa fé» diz ella<sup>3</sup>.

Quaes seriam os pretextos frivolos e indignos que o capitão francez dera áquella criança fechada na flôr da idade nas grades de um mosteiro? Talvez uma mentira? uma escusa? Diz-se que era o empenho de uma promoção militar. A *pobre Marianna*, como ella a si propria se chama, diz-lhe amargamente: «O vosso procedimento não é de um homem capaz.»<sup>4</sup> Saint-Simon caracteriza-o bem duramente, e o seu estigma está de accordo mais uma vez com as queixas da mulher abandonada: «Ao vel-o, ao ouvir-o, ninguem se poderia persuadir que elle inspirasse um amor tão desmesurado, como o que é a alma das famosas *Cartas portuguezas*, nem que elle mesmo escrevesse as respostas a essa Religiosa.»<sup>5</sup> Marianna falla pela mesma bocca: «Eu me deixei encantar por qualidades bem mediocres.»<sup>6</sup> Saint-Simon julgava-o até incapaz das respostas, já consideradas como ridiculas pela amante; estas respostas não são por certo as que pela primeira vez appareceram na edição de J. B. Loyson em 1671, embuste de livreiro, ainda assim soffrivelmente arranjado para a especulação.

Como imbecil, o Conde de Chamilly consentiu na publicação das *Cartas* por um motivo de vaidade. Nada melhor, para um homem que chegára pela sua espada a ser Marechal de França, do que mostrar a todos que foi ainda mais feliz com o amor, o amor

<sup>1</sup> Pag. 63.

<sup>2</sup> Pag. 75.

<sup>3</sup> Pag. 86.

<sup>4</sup> Pag. 91.

<sup>5</sup> Obras. t. xi, p. 5, ed. 1791.

<sup>6</sup> Pag. 91.

onde tem naufragado as almas mais completas. Á indignidade ou á vaidade, devemos a esse falso sentimento o possuímos uma rica e inconsciente obra prima. Marianna Alcoforado bem conhece que nos salões de Paris elle se pôde vangloriar do grande amor que inspirára: «Não sereis vós tão cruel em vos servir do meu desespero para vos tornar mais amavel e para fazer vêr que causastes a maior paixão do mundo?»<sup>1</sup> mas, na sua dôr, transforma-lhe o motivo de vaidade em vergonha: «Estou de accordo que me levaes vantagem em tudo, e que me fizestes nascer uma paixão que me faz perder a rasão; *mas deveis ter com isso pouca vaidade.* Eu era criança e era crédula; haviam-me fechado n'este convento desde a infancia; não tinha visto senão gente desagradavel; nunca tinha ouvido os louvores que me daveis incessantemente; parecia me a mim que a vós devia os encantos e a belleza que me achaveis, e que me fazieis comprehender; eu ouvia dizer bem de vós; todos me fallavam em vosso abono; vós fazieis tudo quanto era preciso para me fazer amar. Mas a final quebrou-se-me o encantamento...»<sup>2</sup> Eis aí ficam retratados os dois heroes d'este drama doloroso do amor que vamos observar: uma alma pura, sedenta de luz, e um official costumado á desenvoltura da caserna, que se acha em uma terra estranha e se quer cevar na primeira prêza desprevenida.

### III

Marianna Alcoforado entrou muito criança para o convento; foi por assim dizer levada ao engano. «*Eu como menina cria*» diz o romance popular que appareceu na tradição oral do tempo d'ella, o romance da *Freira arrependida*. Marianna quando entrou para o convento, teria pouco mais de nove annos de idade. Ella confessa que nunca vira ao pé de si senão gente desagradavel; confessa que a clausuraram ainda na infancia.

Nunca ninguem lhe elogiára a sua belleza; quando fôra vista pelo mundo, as graças da candura ainda não deixavam entrevêr a fascinação da mulher. Assim o coração virgem havia de pertencer ao primeiro que soubesse pôr em relevo os encantos de Marianna. E entregava-se com o sentimento humilde de reconhecimento, julgando dever tudo o que valia ao primeiro que a exaltasse! De facto assim aconteceu com a terrivel logica da paixão. Marianna viveu na clausura uma vida tranquilla, despida de interesses, vasia.

---

<sup>1</sup> Pag. 66.

<sup>2</sup> Pag. 94.

Reinava então nos conventos a medonha moral dos Molinistas; o *quietismo* sensual tornára-se a ascese religiosa. A pobre rapariga bem se queixa da monotonia da sua tranquillidade. Aquella alma estava no momento, na crise em que o amor se gera, do mesmo modo que o carvão se transforma no diamante. A imaginação começára de trabalhar; as cousas do mundo exterior apresentavam-se com um aspecto novo, fazendo contraste com o vazio de dentro, com o tédio e aborrecimento do estado de *acedia* em que caíra. Cavalleiros e donzeis povoavam o mundo dos sonhos em que ella vivia acordada. Era para ali que o seu ideal a chamava. Mas quem hade ir amar uma religiosa: «bem sei que uma religiosa de ordinario é pouco amavel. Parece-me comtudo, se se é capaz de rasão na escolha que se faz, que se deveriam antes inclinar a ellas do que ás outras mulheres. Nada as distrae de pensarem incessantemente na sua paixão; ellas não são desviadas por mil cousas que dissipam e que occupam no mundo. Julgo que não é muito agradável vêr aquellas que se amam, sempre distraídas por mil bagatellas; é preciso ter bem pouca delicadeza para soffrer, sem se desesperar, que ellas não fallem senão de partidas, de convites e de passeios. A cada instante se está exposto a novos ciumes: as seculares são obrigadas a attentões, a condescendencias, a conversações. Quem póde affiançar que não tem algum prazer n'estas occasiões, e que soffrem sempre os cuidados dos maridos com um extremo desgosto e sem nenhum consentimento?»<sup>1</sup>

Marianna tinha muitas vezes desejado ser amada. Não o era; procurára o motivo; confrontára-se com as outras mulheres, e decidira a sua superioridade. Como o amor de uma religiosa é mais puro; sem attentões e cortejos da sociedade, pensando sempre no objecto amado no silencio da cella! A sua alma estava como a chamma latente; um leve sôpro faria romper a labareda, o incendio.

N'este estado psychico o melhor remedio é uma confidencia; é o remedio de todas as dôres moraes. D. Brites, que nos Nobilia-rios apparece casada com o irmão mais velho de Marianna, Miguel da Cunha Alcoforado, foi a sua confidente: «Eu a tinha acostumado a confidencias,» diz a abandonada religiosa, citando mais de uma vez o nome de D. Brites com um carinho de filha<sup>2</sup>. Uma circumstancia fortuita arrojou a simples creatura ao amor; ella ia passar horas esquecidas da tarde no mirante do mosteiro d'onde se avistava Mértola, sobre o Guadiana, a oito leguas de Beja.

<sup>1</sup> Lettre V, p. 88.

<sup>2</sup> Let. V, pag. 83 e 84; p. 75, L. iv.

As tropas francezas andavam pela fronteira de Portugal; entre a officialidade distinguia-se Chamilly, conhecido com o nome de Conde de Saint-Leger. Tinha vinte e oito annos de idade. Era um militar perfeito, bravo, invencivel; mostrou-o na defeza de Grave em 1675. Fallava-se d'elle com elogio por toda a parte; da sua graça, do seu valor. O proprio Saint-Simon o apresentava como muito honrado. Marianna, na solidão do mosteiro, quantas vezes não desejava ser amada; e amada por aquelle destemido capitão de cavalleria franceza! O que a mulher mais ama no homem é a força. Todas estas cousas fizeram nascer na alma de Marianna a paixão por Chamilly, ainda antes de ser amada: «Eu ouvia dizer bem de vós; toda a gente me fallava em vosso favor...»<sup>1</sup> E ella era criança; nunca tinha visto senão gente desagradavel. Amava.

É assim a Desdémona de Shakespeare; ouviu contar os trabalhos de Othello, e apaixonou-se pelo mouro! Santa verdade do sentimento; harmoniosa concordancia do coração com a arte!

Marianna Alcoforado ia muitas vezes com as outras religiosas observar do mirante do mosteiro de Beja as evoluções militares da tropa franceza nos campos de Mértola. Foi ali que se namorou, quando o formoso cavalleiro desfilava segundo a tactica da guerra. Ella mesma conta o principio da paixão: «Muitas vezes eu vos vi passar n'este sitio com um ár que me encantava; eu estava no mirante no dia fatal em que começava a sentir a paixão desgraçada. Parecia-me que vós me querieis agradar, apesar de me não conheceres; persuadia-me de que me tinheis notado entre todas aquellas que estavam commigo. Logo que paraveis, eu imaginava que vos aprazia que eu vos visse melhor e que admirasse o vosso garbo quando impellieis o cavallo. Sentia-me tomada de susto quando o fazieis passar por um logar difficil; emfim eu me interessava secretamente por todas as vossas acções. Eu bem sentia que me não ereis indifferente, e tomava como para mim tudo o que fazieis.»<sup>2</sup>

Como viria o Conde de Saint-Leger a atar as suas relações com Marianna? que elle era conhecido do irmão da Religiosa podemos inferil-o pela primeira carta. Porém é mais natural que o militar lhe escrevesse; as visitas no palratorio eram então muito fa-  
ceis. Namorava-se muito nas grades; haviam freiraticos de profissão, e em alguns conventos era quasi que obrigação secreta o ter um amante, com quem se celebravam desposorios nos folguedos da epoca. O requinte dos *seiscentistas* em grande parte é devido

---

<sup>1</sup> Let. V, p. 94.

<sup>2</sup> Let. IV, p. 75.

às subtilezas do amor dos conventos; os namorados faziam milhares de *romances* alambicados <sup>1</sup>. Os frades e missionarios distraíam-se do ascetismo compondo coplas para as suas confessadas.

Soror Violante do Céu brilha com este gosto nos seus *Divinos e humanos versos*.

Frei Jeronymo Vahia e Frei Antonio das Chagas, ainda na austeridade da penitencia, não se esqueciam de invocar as musas do paganismo. De dois missionarios, quando Frei Antonio das Chagas prégava em Odivellas, diz o Bispo do Grão Pará: «Eram moços, e muita a liberdade das grades d'aquelle miseravel tempo.» <sup>2</sup> Este estado de cousas era devido ás doutrinas *molinistas*, e á influencia absoluta dos Directores espirituaes, que celebravam o noivado mystico com as religiosas.

Esta aproximação da carne era para vencer a tentação. Na lucta estava a virtude; a provocação sensual dava logar ao triumpho do espirito.

Conta o Bispo do Grão Pará, que certo religioso de uma vez dissera a Ignacio Barbosa:

«—Eu vejo dansar as raparigas e nenhum abalo sinto.

«—Vossa paternidade deve de ser *molinista*, respondeu Barbosa. Eu confesso, que me é preciso pôr os olhos em terra e lembrar da morte.» <sup>3</sup>

O systema theologico de Molinos existiu em Portugal, pelo menos praticamente na desenvoltura dos mosteiros. O que temos apontado explica as primeiras confidencias de Marianna com o Conde de Chamilly. O militar quantas vezes lhe não mostrára o desejo ardente de se vêr só com ella!

A sua natureza brutal fazia farejar sómente a carne: «*vous m'avez dit que vous étiez ravi d'être seul avec moi.*» <sup>4</sup> O animal devorava a preza. O Conde de Saint-Leger entrára no mosteiro; antes de Marianna se lembrar da sua deshonra, da infamia da sua familia, do attentado á religião, via antes de tudo com a sollicitude de mulher os perigos que o capitão corria para se vêr a sós com ella na cella estreita, como tantas vezes desejára: «Morria de medo que me não fosseis fiel; eu queria vêr-vos a cada instante e isto não

<sup>1</sup> Vid. *Memorias* do Bispo do Grão Pará, p. 95.

<sup>2</sup> Pag. 96 das *Mem.* Se consultarmos a legislação, encontramos um Decreto de 16 de setembro de 1662 contra a familiaridade suspeita com Religiosas; outro Decreto de 9 de novembro de 1662 com providencias contra a familiaridade das Religiosas; igual Decreto de 26 de junho de 1663, e uma Carta Regia de 12 de setembro de 1663 prohibindo a divagação das Religiosas com o pretexto de ares e banhos, mandando promover a observancia da clausura.

<sup>3</sup> Pag. 86 das *Mem.*

<sup>4</sup> Lettre III, pag. 62.

era possível; *andava perturbada com o perigo que corrieis entrando n'este convento; eu não vivia enquanto estaveis no arraial...*»<sup>1</sup>

Chamilly vinha a Beja na folga que obtinha da fadiga da guerra.

O perigo a que elle se expunha era, quando muito, o ser queimado pela inquisição; porém Marianna tem mais coragem. Para ella cabe o que diz o Livro dos Cantares, *o seu amor é violento e terrivel como a morte*. Ha n'ella a natureza oriental que sabe enlazar o mysterio da morte com o amor: «tenho a minha reputação perdida, expuz-me ao furor de meus paes, á severidade das leis n'este paiz contra as religiosas, e á vossa ingratição que me parece a maior de todas as desgraças. Porém, bem conheço que os meus remorsos não são verdadeiros, que eu quereria, da melhor vontade, ter corrido por amor de vós maiores perigos, e que eu sinto um prazer funesto por ter arriscado á minha vida e a minha honra. Tudo o que eu tinha de mais precioso não devia estar á vossa disposição? E não devo de estar contente de o ter empregado como o fiz?»<sup>2</sup> Em outras passagens Marianna allude aos momentos em que o tinha na cella: «nunca mais vos vereis na minha cella com todo o ardor e toda a expansão que me mostraveis.»<sup>3</sup>

Desprezada pouco tempo depois, Marianna é impenitente no seu amor: «Comtudo, eu não me arrependo de vos ter adorado; estou contente de me terdes seduzido; vossa ausencia rigorosa, e talvez eterna, em nada diminue o impeto do meu amor; quero que todos o saibam; não faço d'isso mysterio, e estou encantada de ter feito tudo o que fiz por vós contra toda a especie do bem estar; pondo toda a minha honra e a minha religião só em amar-vos perdidamente, toda a minha vida, por isso que comecei a amar-vos.»<sup>4</sup>

As vezes a pobre bem se queixa d'elle não a ter sabido amar senão brutalmente; confessa que podia dar-lhe prazeres mais vivos, mais intensos do que o *de ter abusado d'ella*<sup>5</sup>. Só para isso, não faltavam mulheres: «Acharieis n'este paiz alguma mulher que fosse mais bella, com a qual tivesses eguaes prazeres, *por isso que não os procuraveis senão grosseiros...*»<sup>6</sup> Marianna sentia ainda uns restos de devoção; ás vezes a religião e o amor debatiam-se no vasio da sua alma; de todo aquelle combate ficaram só terriveis escrupulos: «Eu sinto vivamente a vergonha dos crimes que me fizestes commetter; mas que! já não tenho a paixão que me cegava

<sup>1</sup> Pag. 90.

<sup>2</sup> Lettre III, pag. 64.

<sup>3</sup> Pag. 56.

<sup>4</sup> Pag. 59.

<sup>5</sup> Pag. 63.

<sup>6</sup> Pag. 72.

para desconhecer a sua enormidade! <sup>1</sup> O Conde de Chamilly resolveu sair á pressa de Portugal; qual seria o motivo? Ainda não havia bem um anno que trazia amores com Marianna Alcoforado. Andavam-lhe na cabeça as medonhas legendas do *Quemadero* de Hespanha, e sabia, como toda a gente, a verdade que disse o Bispo do Grão Pará nas suas *Memorias*: «Sempre é bom servir ao tribunal do Santo Officio e estar bem entabolado com a Ordem» <sup>2</sup>.

Qualquer denuncia faria com que o Conde de Saint-Leger fosse lançado no carcere da Inquisição, e arremessado á fogueira; era então recente a historia dos amores de Simão Pires Solis no mosteiro de Santa Clara de Lisboa, e repetia-se o dito *O calado é o melhor*. O Conde temeria tambem o punhal dos Alcoforados: «eu receiava por vós a colera dos meus parentes...» <sup>3</sup> com que Marianna chegou uma vez a ameaçal-o? <sup>4</sup>

Estaria o Conde compromettido para casar em França? elle revelára a Marianna uns amores que deixára na patria: «Vos me fizestes, haverá cinco ou seis mezes, uma incrível confidencia; declarastes-me com a maior boa fé, que tinheis amado uma dama no vosso paiz» <sup>5</sup>.

Todas estas rasões influiram para que Chamilly partisse precipitadamente para França. É preciso acrescentar a isto a incapacidade moral de sentir uma paixão, e a rudeza do seu character.

Elle porém apresentava a Marianna outras rasões; *rasões de cabo de esquadra*, como diz o vulgo, desculpas de mau pagador: «quizestes aproveitar-vos dos pretextos que descobristes para regressar a França... Um navio estava a partir... Porque o não deixastes partir? A vossa familia tinha-vos escripto... Não vos lembraes de todas as perseguições que eu soffri da minha? A vossa honra vos obrigava a abandonar-me... Fiz eu algum caso da minha? Estaveis obrigado a ir servir o rei... Se tudo o que se diz d'elle é verdade, não tem necessidade do vosso soccorro e bem vos teria dispensado.» <sup>6</sup> Marianna exproba-lhe: «Sabendo que não estarieis sempre em Portugal, para que quizestes escolher-me para tornar-me tão desgraçada?» A infeliz conhece que não são aquellas as rasões que o afastam para tão longe—mas a impossibilidade de ter uma afeição séria. Tendo-lhe feito o sacrificio da sua virgindade, que lhe deu em compensação? «Que fizestes para que me

<sup>1</sup> Pag. 73.

<sup>2</sup> Pag. 90 das *Mem.*

<sup>3</sup> Pag. 90.

<sup>4</sup> Pag. 93.

<sup>5</sup> Pag. 78.

<sup>6</sup> Pag. 73.



agradasse? Que sacrificio me fizestes? Não procurastes sempre mil outros prazeres? Renunciastes por ventura o jogo e a caça? Não fostes o primeiro a partir para a campanha? Não regressastes depois de todos os outros? Expuzestes-vos por lá estouvadamente, tendo-vos eu rogado de vos acautelar por amor de mim. Nem procurastes meios de vos estabelecerdes em Portugal, sendo como ereis aqui tão estimado; uma carta de vosso irmão vos fez partir sem hesitar um momento; e não soube eu, que durante a viagem andaveis na melhor disposição possível?»<sup>1</sup>

Este irmão de Chamilly que lhe escrevera era casado, como se vê pela carta em que lhe pede o retrato d'elle e da cunhada, como cousas que lhe pertencem e por isso as estima. Ainda não havia um anno, que Marianna se lhe tinha entregado toda; mal pensava, diz ella, que os seus favores o obrigariam a fugir quinhentas leguas, a expôr-se a naufragios para deixal-a: «Eu não esperava de ninguem este tratamento.»<sup>2</sup>

A ausencia produzira em Marianna um vazio immenso; andava inconsolavel; a familia queria mostrar-se severa contra o pequeno escandalo. Já se fallava, murmurava-se: «A minha familia, os meus amigos, e este convento me são insuportaveis!»<sup>3</sup> Estes desabafos, escriptos a quem os não comprehendia, revelam a grande oppressão em que jazia. De alegre e feliz, como andava, todos a achavam demudada. Definhava de saudade, de uma saudade impossivel: «Toda a gente repára para a mudança do meu genio, das minhas maneiras, de minha pessoa. Minha mãe fallou d'estas cousas com azedume, e depois veiu ás boas. Eu não sei o que lhe respondi; parece-me que lhe confessei tudo. As madres mais severas, têm piedade do estado em que eu estou, merece-lhe alguma consideração, e algumas attensões para mim! Todos se sentem condoídos do meu amor, e só vós permaneceis n'uma profunda indifferença!...»<sup>4</sup>

D. Brites, a sua confidente, prócurava distraill-a; queria trazel-a para fóra da cella, d'onde nunca mais saíra; levou-a para o mirante que olhava para Mertola, mas a vista do sitio fêl-a debulhar em choro. Era de manhã; o resto do dia passou-o lavada em lagrimas, desfallecida, sobre a cama. Desde a partida de Chamilly nunca mais teve saude; tinham-lhe arrancado a fibra mais viva do coração. Nunca saía da cella, e levava o tempo todo a olhar para uma miniatura do Conde. O retrato em vez de lhe dar allivio des-

<sup>1</sup> Pag. 92.

<sup>2</sup> Pag. 80.

<sup>3</sup> Pag. 74.

<sup>4</sup> Pag. 73.

esperava-a, mostrava a impossibilidade de tornar a vêr o que lhe levára a flor da sua bocca. As outras madres fallavam muito d'este amor para cauterisar a magoa: «Algumas religiosas, que sabem o estado deploravel a que me arrojastes, fallam-me muitas e muitas vezes de vós.» <sup>1</sup>

Queriam distraill-a, encarregaram-na de madre porteira do convento: «Ha pouco fizeram-me porteira d'este convento; todos os que fallam commigo pensam que eu estou doida; eu não sei mesmo o que lhe respondo; e era preciso que as religiosas fossem mais doidas do que eu, para me julgarem capaz de cuidar em alguma cousa.» <sup>2</sup> No meio da sua afflicção, todos conheciam que aquella paixão a matava; foi desde esse instante que sua mãe lhe fallou com bondade; disseram que escrevesse ao Conde de Saint-Leger. N'aquelle tempo não havia as communicações do correio; as cartas iam por mão propria. O irmão de Marianna offereceu-se-lhe para fazer chegar ás mãos de Chamilly uma carta: «Confesso que a occasião que meu irmão me proporcionou de escrever-vos causou-me alguns momentos de alegria, que me suspendeu por um momento o desespero em que estou...» <sup>3</sup>

As cartas de Chamilly eram ditadas por uma alma baixa; como poderiam responder á eterna sêde do amor? «Não enchaes as vossas cartas de cousas inuteis, e não me escrevaes a dizer que eu me lembre de vós.» <sup>4</sup> Se ella o podia esquecer! Pedir isto era ignorar a dedicação d'aquella alma. Chamilly tinha partido antes de acabar a campanha; a religiosa perguntava por noticias a todos os officiaes: «Um official francez teve a caridade de me fallar esta manhã tres horas sô de vós; disse-me que a paz de França estava feita. Se assim é, porque me não vindes buscar?» <sup>5</sup>

Na sua viagem para França, o navio em que ia o Conde foi assaltado de uma tempestade na altura do Algarve; ella soube isto pelo logar-tenente do capitão que veiu visital-a. Desde que o Conde partira até então ainda não lhe escrevera. O logar-tenente vendo tamanha dôr d'alma, esperou que ella lhe escrevesse uma carta; foi a quarta, uma das mais afflictivas: «O official que hade levar esta carta, me diz pela quarta vez que tem de partir. Como é impertinente! sem duvida, deixa tambem alguma desgraçada n'esta terra.» <sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Pag. 60.

<sup>2</sup> Pag. 58.

<sup>3</sup> Pag. 63.

<sup>4</sup> Pag. 52.

<sup>5</sup> Pag. 60.

<sup>6</sup> Pag. 80.

O Conde de Chamilly escreveu algumas vezes a Marianna; as suas cartas eram cerimoniaes, cheias de protestos de amizade, com uma frieza convencional. Bem se vê que a não amava. Ha na dôr relampagos de intuição; a grande vertigem tem uma lucidez repentina. Marianna conheceu a final a vileza d'aquelle caracter; vae banil-o da sua alma, e começa a *quinta* carta: «Eu escrevo-vos pela *ultima* vez...»

Vae quebrar o retrato e os braceletes que recebera da mão de Chamilly, todas aquellas prendas do amor; por fim entrega-as a D. Brites para que nunca mais lh'as deixasse vêr: «Sabei que eu tenho para mim, que vós sois indigno dos meus sentimentos e que agora conheço todas as vossas más qualidades.»<sup>1</sup>

A abandonada religiosa tem alma de peninsular; queria vêr sangue em castigo de tamanha traição. Ella ameaça-o com o punhal: «Que perfidia! Acreditaes que me podeis enganar impunemente? Se o acaso vos trazer a esta terra, declaro-vos que vos entregarei á vingança dos meus parentes.» O instincto fidalgo dos Alcoforados renascia. Sobre este nome pezava uma fatalidade de morte. Assim a paixão acabou dignamente na alma de Marianna, com mais grandeza, do que todas as disposições do *Fôro velho de Castella*, que regulava o desaggravo das offensas dos fidalgos. O vulto de Marianna perdeu-se para sempre na penumbra da cella, com mais tristeza do que sentira Marcella quando viu passar pelas Carmelitas o enterro do velho Lope de Vega, seu pae. A energia de Marianna era o ultimo arranco de vida; d'ali em diante nunca mais o coração teve força de levantar a lagem do tumulo.

As *Cartas* appareceram pela vaidade de Chamilly; expoz á irrisão do seu tempo a loucura de uma alma sincera. A grande justiça das edades encarregou-se de lhe imprimir o ferrete da torpeza e da mediocridade, e á pobre Religiosa deu-lhe a corôa immarcessivel da Sutty, que se abrasou no fogo do seu amor.

#### IV

Não ha cousa que mais repugne á verdade do que o *sentimentalismo*; Rousseau via no sentimento, antes de tudo, uma occasião para estylo. Quando em uma carta a d'Alembert exalta as *Cartas de uma Religiosa portugueza*, tem para si que ellas são escriptas por um homem:

«As mulheres, diz elle, não sabem descrever, nem mesmo sentir o amor. Sómente Sapho, e uma outra, que eu saiba, merecem

---

<sup>1</sup> Pag. 86.

de ser exceptuadas. Apostaria tudo, em como as *Cartas Portuguezas foram escriptas por um homem.*» É preciso saber quaes as Cartas a que Rousseau se referia? as *cinco*, que primeiro appareceram na edição de Pierre Marteau, em Colonia, e na de Claude Barbin de Paris em 1669, reproduzidas d'aquella, são de authenticidade inconcussa; as *sete*, que se ajuntaram com o titulo de *segunda parte*, Pierre Marteau no *aviso ao leitor* confessa, que não são da mesma *Religiosa*. Não admira que a intuição sentimental de Rousseau não accettesse o embuste de livreiro como criação de uma alma de mulher; e, para credito da sua intelligencia, entendemos que elle se referia, e com razão, ás *sete* Cartas apocryphas, accrescentadas nas edições posteriores a 1669. O estylo das *sete* Cartas é affectado, alambicado, e falso em quanto aos costumes e localidades portuguezas; os nomes de familia são arrançados pelas toadadas, ao grado dos pseudo epistolographos. São em parte compostas sobre pequenos dados tirados das *cinco* Cartas verdadeiras com que se podia phantasiar á vontade. O estylo das *cinco* Cartas da *Religiosa* rescende á syntaxe portugueza; a alma portugueza imprimira ao sentimento uma fôrma propria, que as palavras francezas não poderam apagar. Conhece-se isto traduzindo-as do francez com o maior rigor grammatical; vertidas assim dão o portuguez mais vernaculo e legitimo. Com as apocryphas não succede o mesmo. José Maria de Sousa Botelho provou-o á evidencia na sua edição de 1824; e os editores francezes adoptaram a sua ideia, publicando sómente as *cinco* Cartas que restam<sup>1</sup>. Os editores antigos imprimiam as *sete* Cartas em primeiro lugar, e as *cinco* em segundo; com certeza Rousseau, nauseado com a falsidade das primeiras *sete*, nunca chegou a lèr as genuinas *Cartas da Religiosa*. O seu juizo é portanto incompetente.

La Bruyère, no capitulo dos *Caracteres*, em que discute a natureza *des ouvrages de l'Esprit*, falla do estylo epistolar como aquelle em que melhor se revela o genio feminino na sua sensibilidade; bastava-lhe o exemplo das Cartas de Heloisa, porém o grande moralista escrevia sob a primeira impressão das *Cartas da Religiosa portugueza*, publicadas em Colonia, e em 1669 em Paris, impressão que se reflectiu na propria Sevigné, no Duque de Saint-Simon, e em João Jacques Rousseau. Transcreveremos as palavras de La Bruyère: «Este sexo vae mais além do que o nosso n'este genero de escriptos. Deparam-se-lhes debaixo da penna modos e expressões que muitas vezes, em nós são apenas o effeito de um longo trabalho e de um penivel requinte; ellas são felizes na es-

<sup>1</sup> Edição de 1853.

colha dos termos, que empregam tão apropriadamente, que, apesar de corriqueiros, têm o encanto da novidade, e parecem ser feitos unicamente para o uso que lhes dão. Só ellas têm o dom de fazer ler em uma só palavra um sentimento completo, e de expressar delicadamente um sentimento por si delicado; têm um encadeamento de discurso inimitavel, que prosegue com naturalidade, ligado sómente pelo sentido. Se as mulheres fossem sempre correctas, ousaria affirmar que as Cartas de algumas d'ellas são por ventura o que nós temos na nossa lingua de mais bem escripto.» Esta notavel passagem não pode referir-se inteiramente ás Cartas de Sevigné, que em 1687 ainda estavam ineditas; e a incorrecção a que allude La Bruyère, encontra-se nas Cartas de Marianna Alcoforado, nas quaes a construcção portugueza se faz sentir através da versão que as perpetuou na litteratura franceza.

Só na edição de 1690 é que as *doze* Cartas foram attribuidas inteiramente á Religiosa portugueza. Sobre esta e as edições subsequentes, que a seguiram, se tem feito o juizo publico. Tenho para mim que os que as elogiavam não sabiam bem porque o faziam. Foram tambem moda. Era do tempo o imprimir collecções de Cartas. Passando o contagio pretencioso das epistolas, summiiram-se todas essas confidencias nas canastras dos alfarrabistas; o que havia aí de eterno ficou e ficará. Assim succedeu ás *cinco* Cartas de Marianna Alcoforado. Se Rousseau lesse as *Cartas* genuinas, veria que ha n'ellas phrases que só uma mulher as saberia dizer, por que só ella tem natureza para uma determinada ordem de expressões. Diz Marianna:

«Não deixaria de ser desgraçada se me amasseis sómente por que eu vos amo, e eu queria dever tudo sómente á vossa inclinação; mas estou tão longe de estar n'este estado, que não recebi ainda uma só carta depois de seis mezes<sup>1</sup>.» A alma de mulher revela-se n'estas palavras:

«Não invejo a vossa indiferença, e vós meteis-me dó... Eu vos desafio a me esquecer inteiramente... Eu me gabo de vos ter posto em estado de não terdes sem mim senão prazeres incompletos; e sou mais feliz do que vós, porque ando mais entretida.<sup>2</sup>» «Resigno-me sem queixume ao meu mau destino, já que vós o não quizestes tornar melhor.<sup>3</sup>» Sente-se a cada palavra a fraqueza indiana; pôde-se fingir o *pathos* da obra d'arte, mas não a *passividade* da organização feminina que se atraiçoa. Marianna, como estas naturas que precisam de ser amadas, fizera do amor uma cousa ab-

<sup>1</sup> Let. II, p. 56.

<sup>2</sup> Let. II, p. 58.

<sup>3</sup> Pag. 91.

soluta. Não comprehende meio termo em amor: «Por certo tinheis por mim uma aversão natural, pois que me não amastes perdidamente. <sup>1</sup>» Revoltam-n'a a cada instante os protestos de amizade do Conde; o conde não sabia que a insultava com a sua cortezia; por isso Marianna detestava aquella boa fé. Vendo a frivolidade das cartas que recebe em resposta ás que escrevia com éstos de vida, mais se desespera por saber que as suas tinham sido lidas. Lê-las e não sentir doer-se o coração, quando todos tinham pena d'ella! Ha n'essas *Cartas*, cambiantes que a attenção mais concentrada de artista não descobriria.

A inspiração do genio e a verdade da alma encontram-se á mesma altura. Quem hade suppôr que uma obscura religiosa, de um convento de Beja, em 1664, soubesse traduzir o mesmo pensamento que Shakspeare pozera na bocca de Julietta com a mesma ingenuidade sublime! com egual profundidade de sentimento! Julietta assim que viu Romeu, o bello Montaigu, sentiu-se tomada de amor por elle; confessar a sua paixão era fazer com que elle não pudesse vêr a graça e o pudor de um coração virgem. Mas a donzella conhece que entre os requebros esquivos e a fatalidade do destino não ha dilação possivel, declara-se francamente: «Bem sabes que o véo da noite occulta a minha face; senão, tu a verias córar de um rubor virginal, por amor das palavras que esta noite me ouviste proferir. Eu quereria conter-me nos limites da reserva. Queria negar as palavras que já disse; mas deixemo-nos de subterfugios! Amas? Eu sei que me vás dizer: Sim; e eu fio-me na tua palavra. Não me faças juramentos; tu podias quebral-os um dia, e Jupiter, como se diz, ri dos perjurios dos amantes. Querido Romeu, se me amas dil-o lealmente; ou, se pensas que me venceste muito depressa, eu arranjarei um semblante severo, eu me farei intratavel, heide dizer-te: Não; mas unicamente para te provocar a me requerer de amor; de outro modo seria incapaz d'isso: bem conheço, bello Montaigu, eu amo muito, e o meu pôrte deve parecer leviano; mas fia-te em mim, cavalleiro, tu me hasde achar mais sincera do que aquellas que têm a habilidade de affectar esquivanças. Podia ter mais recato, confesso-o, se me não tivesses surprehendido o segredo da minha leal ternura; perdoa-me, e não attribuas a minha pouca resistencia á leveza do meu amor, attribue-o á noite que traiu esse mysterio <sup>2</sup>.»

Marianna Alcoforado, a victima abandonada pelo conde de Chamilly, queixa-se no sentido de Julietta: «Se eu tivesse resistido com

<sup>1</sup> Pag. 65.

<sup>2</sup> *Juliete and Romeo*, Act. II, sc. II.

acinte ao vosso amor; se vos eu dês se algum motivo de zello e de tristeza para vos incitar mais; se me tivesses notado algum ar artificial no meu pôrte; se, emfim, eu quizesse oppôr a minhara-são á inclinação natural que tenho por vós, a qual me deixa ste logo perceber, (ainda que os meus esforços fossem sem duvida niuteis) vós poderieis punir-me severamente, e servir-vos do vosso poder; mas parecestes-me amavel antes de me terdes dito que me amaveis... testemunhastes-me uma grande paixão; ella me desvairou e eu me entreguei a amar-vos loucamente.<sup>1</sup>»

A pobre Religiosa era sincera, no impeto natural que a atirara para o primeiro que lhe fallara na sua belleza; pensou dever-lhe tudo, e entregou-se a elle. Não sabia ser *coquette*, ou *loureira*, como na linguagem do tempo diria D. Francisco Manuel de Mello.

Estas *Cartas*, além de serem uma sublime obra de arte, são a historia de um desastre; têm um tanto de narrativa confusa das antigas relações de naufragio. Às vezes os mareantes ao confiarem-se aos mares presentem a futura catastrophe. O coração de Marianna agourava-lhe a dura fatalidade: «Lembra-me de vos ter dito em tempo que me tornarieis *desgraçada*...»<sup>2</sup>

THEOPHILO BRAGA.

<sup>1</sup> Lettre IV, p. 71, ed. de 1853.

<sup>2</sup> Pag. 57.

## TRADIÇÕES DA ATMOSPHERA EM PORTUGAL

Enumeraremos as tradições que deparamos a respeito dos seguintes phenomenos: *vento, nevoeiro, nuvens, chuva, neve, arco-iris, auroras-boreaes, meteoros, fogos-de-Sant'Elmo, fogos-fatuos e trovoada.*

I. VENTO.—Quando se produz um redomoinho de vento, a que o povo na Beira-Alta e n'outras partes chama *borborinho*, acredita-se que então anda no ar o *Diabo* ou *Bruzas* ou *cousa má*. Estes seres phantasticos parece figurarem aqui como espiritos do ar. Para elles fugirem faz-se uma cruz com a mão, ou diz-se: *Credo Santo Nome de Jesus* (Fafe); ou atira-se-lhes com um canivete aberto (n'este ultimo caso sae do borborinho uma feiticeira). (Moncorvo).

Quando faz muito vento diz-se que morreu algum judeu (Vimieiro), ou escrivão (Mondim-da-Beira, Vimieiro). Ha um vento particular chamado *vento gallego*. Quando este vento sopra, diz-se egualmente que foi algum gallego que morreu arreventado (Torre-de-Dona Chama).

A respeito do vento ha alguns adagios. Um d'elles é:

Mudam os ventos,  
Mudam os tempos. (Mondim, etc.)

Tambem se diz:

Quem foi ao vento  
Perdeu o assento. (Ibid.)

Vento e ventura  
Pouco dura.

E

Vento suão  
Chuva na mão,  
De inverno sim,  
De verão não. (Famalicão).



«—In Lusitanis juxta fluvium Tagum vento equas fetus concipere, multi auctores prodidere.—»

(Justini—*Historiar. Philip.*, lib. XLIV, III.)

No dia de S. Vicente (22 de janeiro) vão espreitar os ventos ao alto de um monte, com uma lumeira de palha na mão, á meia noite. Conforme a chamma se inclina, assim sabem d'onde vem o vento. Se vem de baixo, tomam mais um criado para a lavoura, porque ha fartura no anno:

Vento soão  
Cria palha e grão.

Se vem de cima, mandam embora um criado, porque ha esterilidade e a lavoura custa menos. O vento norte não dá chuva; mas

Quando Deus queria,  
Do norte chovia. <sup>1</sup> (Famalicão).

II. NEVOEIRO.—Póde fazer-se desaparecer o nevoeiro, se uma velha, chamada *Maria*, lhe virar as costas, curvando-se um pouco para diante (Mondim).

Nevoeiro na lama  
Chuva na cama. (Minho)

Quando está nevoeiro cerrado e os pastores andam no monte com o gado, dizem isto, em grandes berrarias, para os lobos fugirem:

Nevoeiro, nevoeiro,  
Põe te atrás d'aquelle outeiro.  
Lá está o João Ribeiro,  
Com as tripas de carneiro,  
Bem lavadas, mal lavadas,  
Que te corram pelas barbas <sup>2</sup>. (Vimieiro)

<sup>1</sup> Ha uma planta chamada *jarro* que tambem indica a fartura ou esterilidade do anno (Ucanha, Mondim, etc.)

<sup>2</sup> A respeito dos lobos ha muitas tradições no nosso paiz, principalmente na serra: Quando um lobo vê a gente sem a gente o ver, a pessoa perde a falla (Vimieiro etc.) Esta crença era commum aos romanos. Em Virgilio lê-se:

..... *Vox quoque Mærim*  
*Jam fugit ipsa: lupi Mærim videre priores.*

(Egl. 9, v. 53-4.)

Tambem se diz: *Do contado come o lobo*, para exprimir que ninguem deve considerar uma cousa como segura, alludindo ao pastor que, apesar de ter o gado contado, vê o lobo ir-lhe com uma rez (Vimieiro).

No artigo *Tradições dos Animaes* fallaremos mais de meudo.

Varre, varre, nevoeiro,  
 Lá p'ra traz d'esse mosteiro,  
 Lá está um pecegueiro  
 Carregado de avellans,  
 Meias podres, meias sans,  
 Carreguei o meu burrinho  
 Botei o ao caminho  
 E chamei pelo barqueiro,  
 O barqueiro não me ouviu,  
 Mas ouviram os ladrões,  
 Com uma faca de botões  
 E botaram-me a um poço  
 Com tres pedras ao pescoço. (Famalicão).

Os rapazes do monte é que dizem esta cantilena para o nevoeiro fugir.

Colligimos dos arredores do Porto uma outra formula; mas, como está incompleta, publical-a-hei quando encontrar o resto.

Ha uma historia popular em que um agulheiro cheio de cinza produz um grande nevoeiro (Beira-Alta).

Da Beira-Baixa disseram-me o principio de uma fórmula do nevoeiro

Rema, rema, nevoeiro  
 Lá p'ra casa do agulheiro.

III. NUVENS.—Ha uma adivinha que exprime uma ideia notavel a respeito das nuvens (e ao mesmo tempo do vento):

Curral redondo,  
 Vaccas ao lombo,  
 Cão ravinoso,  
 Moço formoso.

Aqui as nuvens, como as *nuvens-vaccas* do Rig-Veda, são as *vaccas ao lombo*. (Esta adivinha foi colligida pelo sr. Theophilo Braga nas *Origens Poeticas do Christianismo*, p. 257).

Na Beira-Alta ouvi a seguinte cantiga:

No mar se formam as nuvens,  
 Nos campos as novidades,  
 Nas conversas es affectos,  
 Nos brincos as liberdades.

Quando á tarde as nuvens apparecem coloridas e com fórmulas extravagantes como cavalleiros, soldados, etc., alguém pensa ver ahí um dos *signaes que Deus manda* (Beira-Baixa, etc.) Disseram-me da Beira-Baixa que quando se veem as nuvens assim, vão muitas pessoas resar lá para uma capella.

Quando as nuvens apparecem ruivas indicam certas variações de tempo. D'ahi os rifões:

Quando estão as ruivas ao mar  
Pega nos bois e vae lavar.

Ruivas ao nascente  
Chuva de repente. (Gondifelles, c. de Famalicão).

IV. CHUVA.—Pelas aldeias vê-se ás vezes apparecer um homem com um molho de varas de guarda-soes velhos ás costas; uma bigorna pequena com seu pé comprido; martello e outros instrumentos; um folle muito simples; pedaços de lata,—em fim, uma mobilia inteira. Este homem annuncia-se por um grande barulho de metaes. É o *caldeireiro*.

Correm todos os rapazes logo para elle a arranjar-lhe móssas de lenha. O caldeireiro firma então a bigorna em terra e improvisa uma officina.

A gente do povo apenas o ouve diz que *temos chuva*. D'ahi o adagio:

Caldeireiro na terra,  
Chuva na serra. <sup>1</sup> (Carrazeda de Anciães.)

Na occasião de uma grande tempestade de chuva a gente costuma dizer: *parece que se abre o céu!* Com effeito na China: «—O céu e a terra abrem-se, diz o I-King, e o raio e a chuva apparecem.—»

—Quando chove e faz sol ao mesmo tempo, é o Diabo a bater na mãe ou na mulher. (Porto, etc.)

—Quando está a chover e a fazer sol, estão as *bruxas* a pentear-se. (Passim).<sup>2</sup>

Está a chover e a fazer sol,  
Casa a raposa com o rouxinol.<sup>3</sup> (Mortagua, Pesqueira, etc.)

<sup>1</sup> Este som dos metaes do caldeireiro traz de algum modo á memoria o estrépito que muitos povos faziam e fazem para espantar os monstros do céu, no eclipse da lua.

<sup>2</sup> O Diabo absorveu em si os deuses pagãos (cf. *borborinho*, n'este artigo). Elle mostrava-se aos christãos nas figuras de Jupiter, Mercurio, Venus, etc.—É provavel que as *bruxas* sejam tambem representantes de alguma divindade ou genio. N'esta tradição as bruxas parece confundirem-se como o phenomeno meteorologico. As bruxas entram pelo buracinho da chave, como um verdadeiro espirito. Por outro lado, as bruxas chupam as creanças, como os vampiros.—Na trad. do *vento*, n'este artigo, dissemos que sae do borborinho uma feiticeira. Póde ser que seja uma bruxa e não uma feiticeira; porque o povo confunde estas duas entidades distinctas, ainda que de ordinario attribue á primeira um character mais diabolico.

<sup>3</sup> Talvez n'estes humildes versos haja uma grande concepção meteorologica (que n'outra parte estudaremos) com effeito em muitos povos, as aves são representadas como origem de phenomenos atmosfericos. A raposa tem tambem o seu culto. Em muitas poesias a rima póde ter influido sobre a escolha de um nome.

Existem muitos adagios da chuva. Ex.:

Lua nova trovejada  
Trinta dias é molhada.

A chuva no S. João  
Bebe o vinho e come o pão.

Pelo S. Thiago  
Cada pinga vale um cruzado.

Ha sol que rega  
E chuva que sécca. (Mondim.)

Tambem ha varios ditos tirados da chuva. Ex.: *Quem vae á chuva, molha-se. A chuva não quebra osso. El-rei não manda chover, manda andar.*

Ha uma lenda bonita a respeito de fevereiro ter enganado a mãe ao soalheiro; mas d'ella fallaremos n'outra parte. A respeito do tempo em fevereiro diz-se:

Está a chover e a fazer sol  
E a raposa a tocar no folle.

O povo mergulha os santos em agua, etc. para vir chuva. (D'isto fallaremos n'outra parte).

Muitos animaes tambem dão signal de chuva.

V. NEVE.—Quando apparece neve de manhã, disse:

Esta noite a velha peneirou bem. (Famalicão).

VI. ARCO-IRIS.—O arco-iris (*arco-da-velha*) dizem na Beira-Alta, Minho, etc. que mergulha nos rios para *beber a agua* que depois cae em fórma de chuva,—tradição analoga a uma da Birmania.

Ao avistar-se o arco-iris, dizem os rapazes:

Arco-da-velha,  
Tir te d'ahi:  
Meninas bonitas  
Não são para ti.

(Leça de Palmeira, Castello de Paiva, etc.)

Arco-da velha,  
Vae para Castella,  
Faze uma casa,  
Mette-te nella;  
Tu c'um machado,  
E eu c'uma serra  
Ganharemos pão  
P'ra comer dentro d'ella.

(S. Martinho de Guifões.)

Arco-da-Nova,  
Arco-da-Velha,  
Não bebas ahí,  
Que orinou a velha. (Basto.)

Arco-da-velha,  
Põe-te na quelha,  
Fita vermelha,  
Menina bonita  
Não é para a velha. (Famalicão) <sup>1</sup>.



N'esta cantilena acham-se confundidos elementos de outras. Além d'estas, temos conhecimento de outra fórmula que esperamos completar.

É uma phrase vulgar a seguinte: *F. fez ou disse cousas do arco da velha* para indicar uma cousa estranha.

VII. AURORAS BOREAES. — As auroras boreaes são sangue espalhado no céu. Por isso indicam terriveis guerras. O povo, quando as vê, chora e resa. (Sinfães, etc.)

VIII. METEORO. — É uma estrella que vae caindo, e por isso o povo diz sempre: Nosso Senhor te guie (Minho e Açores). Tem grande receio que destrua a terra na sua passagem.

IX. FOGO DE SANT'ELMO. — Este phenomeno electrico de que Camões disse:

Vi, claramente visto, o lume vivo  
Que a maritima gente tem por santo,

é pelos nossos marinheiros, segundo elles me informam, chamado *corpo santo*. Quando apparece, os tripulantes resam-lhe.

X. FOGOS FATUOS. — Os fogos fatuos, que parece serem devidos ao hydrogenio phosphorado que se produz na decomposição de certas materias organicas, pensa o povo que são *alminhas do outro mundo*. Quantas historias não ouvi eu em pequeno (Mondim) d'estas luzes dos cemiterios?

XI. TROVOADA. — É um phenomeno complexo que se resolve nos seguintes:

*Relampago*. — Quando faz relampagos, o povo cuida que é o céu que se abre (Mondim, Sinfães, Fafe). Eu conheci um velho que dizia ver o céu na occasião do relampago (Mondim).

*Raio*. — O raio é uma pedra que cae e se enterra sete varas, levando sete annos a vir á superficie <sup>2</sup>. Segundo o que tenho reco-

<sup>1</sup> Esta e outras tradições mencionadas obtive-as de uma criada do meu condiscipulo Macedo Aguiar, de Gondifellos, c. de Famalicão.

<sup>2</sup> Sobre a mesma superstição da Calabria e Aveyron vid. N. Jolye, *L'homme avant les metaux* (Paris, 1879), pag. 200 e seg.

lhido, o povo chama *pedra do raio* não só a um celte, mas a um crystal de rocha (posuo um que me foi vendido como tal), e ainda, conforme me indicou o illustre professor do lyceu do Porto, o meu amigo sr. A. Luso, a um fossil.

*Trovão.*—O ruido do trovão é produzido pelo barulho que Deus faz no céu a ralar (Alijó) e a arrastar as cadeiras (varias terras) depois de jantar (Sinfães).

— Ha dois meios de esconjurar a trovoada: as *orações* e os *amuletos*.

As orações são a *magnificat*, a *oração de S. Jeronymo* (vem em qualquer livrinho) e a *oração de Santa Barbara* (onde a santa é um verdadeiro deus pagão):

S. Barbara bem dita,  
Que no céu estaes escrita  
Com papel e agua benta,  
Abrandaes esta tormenta. (Mondim.)

S. Barbara bem dita  
Se vestiu e se calçou,  
Ao caminho se botou,  
A Jesus Christo encontrou;  
E Jesus lhe perguntou:  
—Tu, Barbara, aonde vás?  
—Vou espalhar as trovoadas  
Que no ceo andam armadas,  
Lá p'ra a serra do Marão,  
Onde não haja palha nem grão,  
Nem meninos a chorar,  
Nem gallos a cantar. (Villa Real.)

Ainda conheço outras orações.

Os amuletos são de duas ordens: *a) com caracter catholico*: Agnus-Dei, um toco de cera da semana santa, livrinhos bentos, ramos bentos, o cepo do Natal<sup>1</sup>; *b) com caracter fetichista*: a pedra do raio; certos arbustos como o asevinho, etc. Diz-se em algumas provincias que no *loureiro* e *oliveira* não cae o raio; de modo que estas arvores são verdadeiros amuletos naturaes.

Ahi ficam fielmente, ao correr da penna, muitas das *tradições da atmosphaera* em Portugal.

Este pequeno estudo será reunido a outros e todos formarão boa somma de materiaes para uma *Mythologia Portugueza*, que, conforme démos a entender n'um folhetim da *Aurora do Cávado* de 24 de julho de 1879 (*Mythologia Popular Portugueza*) e n'ou-

<sup>1</sup> Sobre o cepo do Natal, vid. o nosso artigo *Tradições dos corpos celestes*, na *Vanguarda*.

tro de 20 de julho d'este anno,—tencionamos mais tarde organizar.

Estes estudos já felizmente vão encontrando echo entre nós. D'antes as superstições do pobre povo portuguez serviam apenas para alguns chistosos das lettras virem traçar pontos de admiração e impôr *verve* nos almanachs.

Ainda assim alguma utilidade resultou d'isso, porque hoje achamos ahi condensados — sem espirito scientifico, é verdade,—muitos factos que nem sempre encontraríamos n'outra parte.

Porto, 11 outubro 1880.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

## MONUMENTOS MEGALITHICOS EM PORTUGAL <sup>1</sup>

### I

#### HABITAÇÕES TROGLODYTAS

Antes de terem raiado na península iberica os primeiros alvares de luz historica, talvez dois mil annos antes da era vulgar, os montes que ficam ao poente do rio Tamega na extensão de doze kilometros antes d'este rio se ajuntar ao Douro, Entre os Rios, estas terras foram habitadas por povos desconhecidos, que fogem ás investigações historicas, mas de que conhecemos a existencia n'estas montanhas pelos monumentos megalithicos que por ali nos deixaram.

As suas habitações debaixo de grandes lapas ou grupos de penedos eram numerosas, e em alguns excavaram, como se vê nos monumentos <sup>2</sup> n.ºs 1, 2, 3 e 4 e no grupo de penedos n.º 5 denominado a *casa dos Condes*; no grupo n.º 2 a *casa da velha*, podem abrigar-se doze pessoas unidas, e na *casa do velho*, grupo n.º 4, que é maior, podem estar quinze pessoas; este grupo n.º 4 tem em cima cortado n'um dos penedos um assento. Este grupo de penedos está muito proximo do *penedo das merendas* n.º 8, que supponho ser uma ara prehistorica para sacrificios; e a *casa* denominada *do velho* pela tradição, ser habitada pelo sacrificador ou sacerdote que presidia, pelo assento e logar que tinha em cima do penedo, e d'ali estava voltado para o Oriente, aonde estava o dolmen.

O grupo de penedos n.º 3 denomina-se o *penedo do assento* por

<sup>1</sup> Memoria apresentada ao Congresso Internacional de Anthropologia e Archeologia prehistorica, pelo conferente Simão Rodrigues Ferreira, de Penafiel. Questão III, monumentos megalithicos prehistoricos—Os troglodytas do Tamega e do Douro.

<sup>2</sup> Estes numeros referem-se a desenhos copiados do natural e apresentados com a memoria ao Congresso.



ter em cima um assento como cadeira, e o *penedo da espada* n.º 4 por ter em cima uma pedra oblonga em fôrma de espada; em ambos por baixo podiam habitar algumas pessoas; em todas estas montanhas havia muitas d'estas habitações troglodytas, porém de todas a mais notavel é o *penedo dos Condes*, e se as outras são casas, este grupo pôde chamar-se um palacio; por baixo d'este grupo de penedos podem estar nos diferentes repartimentos vinte e cinco a trinta pessoas, e perto estão outros grandes penedos com algumas excavações por baixo e dos lados; o mais notavel d'este grupo é a *pedra oscillante*, que tem em cima em fôrma de coração, que a foram excavando com pedras mais duras para fazer a depressão e tomar aquella fôrma.

Ao nascente d'este monumento está outro muito singular, denominado por estes povos a *egreja dos burros*, n.º 6. É uma galeria de quatro a cinco metros de comprido por um até dois de largo, e na frente com altura de tres metros. Vê-se que com bastante trabalho empurraram sobre os dois grandes penedos dos lados o grande penedo que cobre a galeria e tem alguns visos de ser do genero dos dolmens, e n'esta galeria podem estar mais de vinte pessoas. Em todas estas montanhas ha muitos vestigios de habitações troglodytas debaixo de penedos ou de grandes lapas e encostadas a estas, acabando de resguardar-se com rapos de arvores ou palissadas por causa do frio e chuva.

Os troglodytas não eram nómadas, tinham as suas residencias fixas e permanentes, aonde se conservavam em quanto não eram expulsos pela violencia ou invasão de outros povos mais fortes.

Viviam dos seus numerosos rebanhos, que podiam sustentar n'estes fertes montes e nas terras embaixo nos valles do rio Sousa e Cavalum ao poente, e Tamega ao nascente, assim como de outros afluentes e ribeiros, todos assás fertes de bons pensos.

Tinham tambem grandes devezas de carvalhos d'onde podiam colher grandes porções de lande, de que tambem se sustentavam os povos antigos.

Se se fizessem excavações perto d'estas vivendas troglodytas talvez se achassem alguns utensilios dos mais indispensaveis d'estes povos; mas o solo d'estas habitações nos altos quasi todo é de pedra dura e não tem as alturas e espaço que tinham as cavernas dos povos do norte e de outras partes aonde podiam viver e formar os *kjækkenmæddings*: as habitações d'estes troglodytas serviam apenas para abrigo das noites e dos temporaes.

Esta sociedade das margens dos dois rios Tamega e Douro era numerosa e continuava desde Entre os Rios até á foz do Douro, e para o interior n'uma extensão de trinta e cinco a quarenta kilometros.

## II

## MONUMENTOS RELIGIOSOS FETICHISTAS

Os monumentos megalithicos que estes povos deixaram n'estas montanhas, além dos já descriptos destinados para habitações, eram consagrados á religião e tinham outros proprios para a sua defesa.

Os monumentos n.º 7 o dolmen, o *penedo das merendas* n.º 8 e o *penedo balouçante* n.º 9 estão quasi juntos em volta dos dois grupos n.ºs 1 e 2, *casa do velho e da velha*. O *penedo do Rou-rou* n.º 10 e os *pedregalhos com transito* n.º 11, o *penedo da candéa* n.º 12, o penedo n.º 13 denominado *do crucho*, que parece uma cabeça de animal e no todo um idolo, e junto os dois penedos sobrepostos n.º 14, muito semelhantes aos rolers, e muitos outros d'estas montanhas, que denominam *pedras cavalgares*, umas redondas, outras oblongas, outras quasi quadradas, e todas estas pedras estão mais no alto da montanha.

De todos os monumentos presentes n'esta segunda parte um dos mais vulgares é o dolmen; foi um dos primeiros monumentos que a terra levantou ao céu; existem por muita parte, comtudo n'este trato de terra de 35 a 40 kilometros dos dois rios Tamega e Douro, da sua junção até ao oceano e mesmo para o nascente dos dois rios, apenas sei que existe este dolmen e outro na antiga estrada de Marco de Canavezes para Mezão-frio.

A ethnographia e ethnologia dos povos prehistoricos na península iberica pouco tem sido estudada e discutida; o genesis historico da península são as luctas dos Iberos com os Celtas nos Pyreneos, quatorze a dezeseis seculos antes de Christo, e os monumentos descriptos são anteriores; e para dizer alguma cousa sobre os povos constructores d'estes monumentos temos de recorrer á historia sociologica da Asia, berço da humanidade.

Subjugadas pela raça Aria as antigas raças Turaniana e Kucita na Asia, segundo a phrase eloquente do sabio Quinet, começaram as procissões da humanidade. As migrações vindas da Asia tocavam n'estes pontos, a Grecia e o Egypto; mas repellidas d'aqui pela civilização nascente dos primeiros Nómos do Nilo e depois pelas primeiras dynastias, vinham ás costas africanas do Mediterraneo e depois passavam ás praias da península iberica, com que mais tarde luctaram as raças Aricas quando aqui chegaram.

A biblia mozaica tambem nos diz que na chegada dos Israelitas ás margens do Jordão e logares visinhos viviam povos barbaros e crueis de agigantada estatura, que habitavam debaixo de lapas e cavernas; estes povos impellidos por outros que vinham che-

gando, emigravam para as costas de Africa visinhas ao Mediterraneo. É certo que na peninsula iberica, nos tempos prehistoricos, apparecem duas civilisações antigas a tocarem-se na Extremadura hespanhola e nos campos de Andaluzia, a saber: a civilisação dolmenica, vinda de Africa, e a cyclopense, vinda dos povos pelagicos da Italia.

O dolmen n.º 7 está situado na Portella de Forno de Mouros, freguezia de Santa Martha, do concelho de Penafiel. As *portellas* na baixa latitudine eram os pontos forçados aonde haviam de passar os viandantes; e por este logar, no tempo da dominação romana, passava a Tamacana, via que se dirigia a Canavezes, terra importante n'estes sitios; e na parede de uma tapada, estão duas sepulturas romanas cavadas na rocha.

Este dolmen está virado ao nascente e algumas das pedras pilares estão quebradas, e a lage oblonga que o cobre tem quasi oito metros de circumferencia e podem caber dentro dez pessoas juntas; este dolmen tem sido excavado, por vezes, por pessoas que supõem estar aqui dinheiro enterrado do tempo dos mouros.

O monumento n.º 8, denominado o *penedo das merendas*, é um monumento muito singular; é um penedo alto, que para o lado do poente terá quasi quatro metros, aonde começa o corte em fôrma de lavadouro, com uma inclinação de vinte e cinco por cento, e acaba em um metro de altura para o lado do nascente; é todo cheio de sulcos e riscas emaranhadas em fôrma de tatuage; em sitios estes sulcos tem tres a quatro centimetros de profundidade, e pela imperfeição com que foram feitos mostram ser com pedras mais duras.

Este penedo está proximo dos dois grupos n.ºs 1 e 2, *casa do velho e da velha*, descriptas na primeira parte; persuado-me ser uma ara prehistorica, aonde estes povos sacrificavam victimas humanas; e a *casa do velho* habitação do sacrificador ou sacerdote.

Para o lado do sul, e muito proximo a estes monumentos, está um grande penedo tosco, oval, em cima de uma lage, o monumento n.º 9, e pela sua posição *penedo balouçante*, que estes povos prehistoricos reverenciavam e punham em movimento em occasiões solemnes: sobre estes monumentos trato na terceira parte de outro que existe no monte do castello de Penafiel de Canas.

Subindo a montanha mais acima para o nascente, ao sul fica a *eira dos Mouros*, hoje só a matto, sem arvoredos; e para o norte estão os penedos n.º 10, um grande penedo denominado do *Rourou*, segundo a estampa, tem uma abertura pelo meio de cinquenta a sessenta centimetros, que atravessa esta penha de um a outro lado, na extensão de cinco a seis metros e altura de tres a quatro metros, d'um ao outro lado; o corte é muito direito e de grande difficuldade para ser feito sem instrumentos de ferro.

Para o lado do sul está o monumento n.º 11, e muito juntos dois penedos, que têm um estreito caminho pelo meio, e chamam-se os *penedos do transito* ou *passagem*. Mais para o norte está um largo e tem quasi no centro o penedo denominado *da candéa* n.º 12, e ha por aqui alguns outros penedos notaveis. Subindo acima para o lado da *eira dos Mouros* está o penedo n.º 13, a que chamam o *penedo do crucho*, tem toscamente lavrada uma cabeça de animal; é uma lage sobre outra e a aperfeiçoaram a formar no todo a figura fetichista de um idolo; e perto está o monumento n.º 14, que denominam *pedras cavalgares*, e é do genero dos rolers, que se movem; d'estas pedras cavalgares ha muitas pelas montanhas, umas oblongas e outras mais quadradas.

Toda esta montanha nos fins do seculo passado e ainda nos principios d'este era um espesso arvoredado de carvalhos a que chamavam brenha. Na invasão franceza fugiu para esta montanha bastante povo de Penafiel e logares visinhos, e d'aqui viam passar os francezes para Canavezes.

(Continúa).

SIMÃO RODRIGUES FERREIRA.

## ANTHROPOLOGIA

### SEU LOGAR NA CLASSIFICAÇÃO HIERARCHICA DOS CONHECIMENTOS HUMANOS.

A reunião, no corrente anno, do *Congresso Internacional de Anthropologia e de Archeologia prehistoricas* em Lisboa chamou a attenção do publico em geral e em particular dos estudantes e das pessoas, que se dedicam ao estudo das sciencias, para os factos accumulados desde alguns annos sob o dominio de uma nova sciencia, a que poseram o nome de ANTHROPOLOGIA, tirando a esta palavra a velha significação de discurso sobre as fôrmas humanas attribuidas a Deus, ou de tratado de moral, e ainda as mais recentes de psychologia, de hygiene e de anatomia geral.

Tudo quanto possa contribuir para o derramamento das ideias e para a vulgarisação de noções scientificas é de grande utilidade para o desenvolvimento intellectual, que tem por consequencia immediata o progresso das sociedades e o augmento da civilisação. Mas é preciso ao mesmo tempo precaver os espiritos contra a indisciplina metaphysica, que muitas vezes acompanha os conhecimentos reaes e os factos positivos de qualquer sciencia, antes d'esta entrar na phase da sua constituição definitiva. A metaphysica retarda o progresso das sciencias, em que influe, e leva a descoor denação aos movimentos sociaes. Por isso deve-se estabelecer constantemente a separação entre o que é real, verdadeiro, relativo, e o que é ficticio, duvidoso, absoluto; é necessario marcar os limites de cada ramo das sciencias naturaes, conhecer os seus methodos, determinar o seu circulo de acção, desfazer todas as confusões e emfim designar qual o logar de cada sciencia ou ramo na classificaçào hierarchica dos conhecimentos humanos.

O interesse, que entre nós têm despertado os estudos anthro-

pologicos, moveu-nos a fazer estas considerações e a procurar determinar o verdadeiro campo da Anthropologia. É o que vamos tentar nas presentes paginas.

Se os primeiros ensaios anthropologicos se podem fazer recuar a Aristoteles e a Hippocrates, como os primeiros ensaios d'outras sciencias modernas, não deixa por isso de ser considerado Buffon, como o fundador da Anthropologia, segundo a opinião do fallecido Paul Broca; desde 1749, data d'esta fundação, até ao nosso seculo houve um certo numero de sabios, Daubenton, Blumenbach, Campe, Linneo, Scemmering, White, Lamarck, etc. que cultivaram esta sciencia, ou pelo menos algumas partes d'ella. Em 1800 fundou-se em Paris a *Sociedade dos observadores do homem*, que durou pouco tempo; em 1839 creou-se a *Sociedade ethnologica de Paris* e começaram a apparecer trabalhos como os *Crania Americana* de Morton. Vinte annos depois, estando extincta desde 1848 a *Sociedade ethnologica*, fundou-se finalmente a *Sociedade d'anthropologia de Paris*; é d'ahi que data o maior desenvolvimento da anthropologia e a sua popularidade relativamente extraordinaria. A este respeito diz Paul Broca no prefacio da primeira edição de *L'Anthropologie*, publicada na *Bibliotheca das sciencias contemporaneas*: «A anthropologia é de todos os ramos das sciencias naturaes o ultimo que se desenvolveu; mas em compensação é o que tem hoje o privilegio de occupar o primeiro lugar na attenção do publico scientifico.» Mais adiante accrescenta: «A nova sociedade augmentou de repente o programma da ethnologia, agrupando em volta do estudo das raças humanas as sciencias medicas, a anatomia comparada e a zoologia, a archeologia prehistorica e a paleontologia, a linguistica e a historia, e designando emfim sob o nome de *anthropologia* a sciencia, cujo dominio assim alargava, a nova sociedade, digo, abriu as suas portas a todos os que cultivavam os numerosos ramos do saber humano.» Como se deduz d'estas palavras de Broca, o espantoso incremento que a Anthropologia tomou desde 1859 foi á custa de outras sciencias, independentes e mesmo superiores, que a sociedade lhe pretendeu subordinar, como a biologia, a linguistica e a historia. Portanto o desenvolvimento espantoso da Anthropologia foi mais apparente, do que real; a sua extensão illimitada tirou-lhe toda a precisão, todo o rigor scientifico, e reduziu-a a uma agglumeração de factos, accumulados sem ordem, sem nexos, sem criterio, apenas ligados entre si por theorias metaphysicas e por concepções *à priori*, formadas sobre observações incompletas e duvidosas. Por isso o desaccordo entre os anthropologistas é geral sobre os limites da nova sciencia e mesmo sobre os seus pontos mais essenciaes. O conflicto surge logo que se compararam as definições dadas por alguns dos principaes anthropologistas.

A Anthropologia para Broca «é a sciencia que tem por objecto o estudo do grupo humano, considerado no seu conjuncto, nos seus detalhes, e nas suas relações com o resto da natureza,» isto é, abrange os dominios da Biologia e da Sociologia. Bertillon define-a como «uma sciencia pura e concreta, tendo por fim o conhecimento completo do grupo humano considerado: 1.º em cada uma das quatro divisões typicas comparadas entre si e aos seus meios respectivos; 2.º no seu conjuncto e nas suas relações com o resto da fauna.» Ao contrario de Broca e mais preciso que Bertillon, Quatrefages reduz a Anthropologia ao «estudo do homem *considerado como especie*», abandonando «o *individuo material* á physiologia, á medicina, o *individuo intellectual e moral*, á philosophia, á theologia.» (*L'espèce humaine*, 2.ª ed. pag. 18) Este auctor ainda dá esta definição citada por Topinard: «A anthropologia é a historia natural do homem feita monographicamente, como a comprehenderia um zoologista estudando um animal.» Como se vê, para Quatrefages o campo da Anthropologia é bem limitado em comparação á vastissima área que Broca lhe assignala. Topinard, crendo resumir todas as definições precedentes, dá a seguinte em *L'Anthropologie* (2.ª ed. pag. 2): A anthropologia é o *ramo da historia natural que trata do homem e das raças humanas.*» James Hunt tambem a define «sciencia do homem e da humanidade.» Para W. Edwards esta sciencia trata do homem, tanto sob o seu aspecto physico, como moral. Waitz considera a Anthropologia como o estudo do homem sob o ponto de vista da historia natural e da psychologia, isto é do corpo e da intelligencia.

Fallando da Anthropologia escreve Letourneau (*Science et Matérialisme*, pag. 100): «É uma sciencia bem nova, mas que ha de crescer muito. Hoje ainda não transpoz o primeiro gráo das sciencias de observação; occupada a limitar o seu objecto, a accumular factos, caminha sempre com o compasso e com a balança na mão. Descreve os diversos typos humanos, mede e avalia os craneos, porque tal é o cerebro, tal é o homem; em resumo não estuda o homem senão no estado statico. A custo de longe em longe vê-se approximar-se timidamente da anthropologia dynamica, occupando-se das migrações, dos crusamentos ethnicos, permittindo-se algumas inducções relativas ás mutações do typo humano e á sua origem.»

O auctor de *L'Anthropologie* estende muito mais o dominio d'esta sciencia, como vamos vêr.

«O seu *dominio* mais immediato, diz Topinard (pag. 5), é a anatomia e a morphologia comparadas do homem com os animaes e dos homens entre si; depois a historia dos animaes, em particular dos mammiferos e sobretudo dos macacos anthropoides, e os diver-

sos ramos das sciencias medicas, notadamente a physiologia, de que faz parte a psychologia normal e morbida; em seguida tudo o que se refere aos povos e por conseguinte as viagens, como a ethnographia, a geographia, a historia, a linguistica; emfim a archeologia prehistorica. Não é tudo: o direito, as artes, as litteraturas fornecem-lhe o seu contingente.» Aqui têm os leitores o que Topinard define como *um ramo da historia natural que trata do homem e das raças humanas!* Quaes serão os demais ramos da historia natural se a este pertence a historia dos animaes? Mas não é tudo: a historia, as artes e as litteraturas são igualmente partes d'este ramo da historia natural! É um verdadeiro cahos!

Esta confusão reflecte-se na escola de Anthropologia, fundada em Paris, á frente da qual ainda ha pouco estava o sabio Broca, hoje fallecido, e que tem por professores homens de sciencia como Dally, Topinard, Hovelacque, Bertillon e Bordier. As materias professadas n'esta escola bastam para provar a indisciplina metaphysica da Anthropologia; são as seguintes: anthropologia anatomica, anthropologia biologica, anthropologia linguistica, ethnologia, demographia e geographia medica. Em primeiro logar estas denominações nem sempre são apropriadas; *anthropologia biologica* é uma combinação de palavras impropria e absurda, e se o não fosse, deveria comprehender a *anthropologia anatomica*, cuja especialização não teria razão de ser. Depois, a linguistica, a demographia, são como a Anthropologia, sciencias descriptivas, independentes d'esta ultima, e na verdade, o que é mais, ramos da Sociologia.

A proposito do estado metaphysico em que se acha a Anthropologia escreve com muita razão Wyruboff, no seu importante estudo sobre este mesmo assumpto, publicado em *La Philosophie positive* (revue, vol. xxiv, pag. 343 e seg.) sob o titulo de *L'influence métaphysique en biologie*: «De tudo isto, por fórma alguma se pôde concluir que a anthropologia esteja condemnada a desaparecer n'um futuro mais ou menos proximo; ella tem todos os direitos á existencia, mas com a condição de se transformar radicalmente. Antes de tudo deve occupar o verdadeiro logar que lhe pertence na classificação do saber e manter-se ahi rigorosamente. Este logar é o de uma descripção natural do homem, na qualidade de individuo, de variedade, de especie, de raça; pôde mesmo tocar o estudo dos povos e das nações, mas só como subdivisões taxonomicas destinadas a fazer conhecer melhor os caracteres tão numerosos e tão diversos da *especie humana*.» (ob. cit. pag. 358-9) Assim a definição mais apropriada d'esta sciencia é a de Quatrefages.

Com effeito no meio d'esse labyrintho scientifico, a que se tem dado o nome de Anthropologia, só o positivismo qual nova



Ariadna nos podia fornecer o fio conductor para determinarmos o verdadeiro logar d'esta sciencia na classificaçao hierarchica dos conhecimentos humanos. Para isso era preciso em primeiro logar sabermos qual o objecto d'esta sciencia. Wyrouboff com o criterio seguro da Philosophia positiva determinou-lhe os verdadeiros limites, afastando d'ella tudo quanto pertence ao dominio de outras sciencias; chega mesmo a tirar-lhe o nome de sciencia para a considerar um ramo da zoologia. Não vamos tão longe, apesar de reconhecermos o rigor d'este ponto de vista; este ramo superior da zoologia tem relativamente mais importancia para a humanidade, do que todos os outros, porque o homem é o elemento organico das sociedades e de todos os phenomenos, que entram nos dominios da Sociologia, a ultima das sciencias fundamentaes, e portanto pôde ser considerado sciencia, do mesmo modo que o é a sciencia das religiões, a linguistica, a historia e todos os mais ramos da sciencia social.

Augusto Comte, dividindo as sciencias em abstractas e concretas, ou geraes e particulares, viu que a cada uma das primeiras correspondia uma ou mais das segundas, a que tambem chamou descriptivas; e que estas se succedem n'uma complicaçao sempre crescente e n'uma ligaçao ou dependencia immediata. É evidente que a Anthropologia não pôde ser considerada uma sciencia geral e abstracta, mas sim uma sciencia particular, concreta ou descriptiva, fazendo parte do grupo das sciencias biologicas, dependendo immediatamente da parte da zoologia consagrada aos mammiferos e fornecendo os elementos que produzem os factores dos phenomenos sociaes.

(Sciencias abstractas:)

(Sciencias concretas:)

<b>Biologia</b> .....	{ BOTANICA { ZOOLOGIA .	{ dos zoophitos. { dos molluscos. { dos annelados. { dos vertebrados: { Sub ramo:— Mammologia: { ANTHROPOLOGIA. { ETHNOGRAPHIA. { LINGUISTICA. { SCIENCIA DAS RELIGIÕES. { HISTORIA. { Historia do direito. { Historia da arte. { etc. etc.
<b>Sociologia</b> .....	{ Sociologia { descriptiva	

Assim, como diz Wyrouboff, «philosophicamente, a anthropologia vem logo depois da mammologia e precede a historia. É entre estes dois termos que deve mover-se a sua independencia.» (Ob. cit. pag. 300). Historia aqui significa sociologia descriptiva. A Anthropologia está para as sciencias sociaes, como a chimica organica está para a Biologia. Talvez fosse esta relação que levou Broca a defini-la:—*biologia do genero humano*.

Em vista do que deixamos exposto não se pôde estender o campo da Anthropologia para além dos limites marcados á Biologia, sob pena de se invadir os dominios da Sociologia, e de se cair na indisciplina mental, tão contraria ao adiantamento geral das sciencias e ao progresso das sociedades humanas.

TEIXEIRA BASTOS.

## OS NERVOS VASO-MOTORES

---

A descoberta dos nervos vaso-motores, cuja importancia para a medicina, para a physiologia e para a psychophysiologia é immensa, teve, como quasi todas as descobertas, uma origem de observação obscura. Em 1727, Pourfour du Petit notou que a secção do grande sympathico no pescoço provocava a congestão e a vermelhidão do olho. Nasse, em 1839, viu que a secção da espinhal medulla se acompanhava de uma elevação de temperatura nos membros. Foi depois d'elles que Schiff em 1845 e Claude Bernard, em 1851, determinaram a acção vaso-motriz. Cortando o nervo grande sympathico no pescoço, Claude Bernard observou que á operação se seguia immediatamente uma sobreexcitação consideravel em toda a circulação cervical e facial, com dilatação das pequenas arterias e augmentação da temperatura do lado da cabeça, onde tinha sido praticada a secção dos nervos, e mostrou pela primeira vez que a galvanisação da extremidade superior do sympathico dividido occasionava a contracção das pequenas arterias, havendo suspensão de circulação e resfriamento momentaneo, o que cessava logo que acabava a galvanisação. Em 1858, o mesmo physiologista, em outra experiencia, fez ver que, excitando o nervo da corda do tympano que está ligado á glandula sub-maxillar, se provocava n'este orgão uma maior actividade na circulação capillar e uma dilatação das pequenas arterias tal que o sangue saia então pela veia da glandula com todas as apparencias do sangue arterial e com uma impulsão que fazia por vezes saltar o sangue ao longe. (*De la Physiologie Generale*, p. 91 e 92). Estas experiencias tiveram o grande resultado de provar que as circulações locais são dirigidas pelo systema nervoso e que portanto a nutrição é regulada por este systema.

O alcance d'isto era de uma tal importancia que os maiores phy-

siologistas desviaram as suas investigações para este campo. Accumularam-se logo experiencias, observações e muitas theorias sobre o modo d'essa funcção. Assente o facto da subordinação da vascularisação aos nervos, tornou-se preciso saber como se dava esta subordinação. Foi n'este ponto de vista que se trabalhou para se chegar a uma conclusão ultima. Houve divisão de opiniões, houve sobretudo experiencias contestadas, e ainda não foi possivel harmonisar nenhuma das theorias estabelecidas com a realidade dos phenomenos. Uma das causas d'isto, é preciso não esquecer-o, é a ignorancia da disposição anatomica dos nervos que se distribuem pelo coração, pelas veias e arterias e pelos capillares. Nós vamos analysar as explicações que se tem dado da acção vaso-motriz.

Claude Bernard dividiu a acção vaso-motriz por duas classes de nervos que denominou *constrictores* e *dilatadores*. Esta theoria firmada em experiencias tinha tanta mais claresa quanto o phenomeno de contracção e de dilatação dos vasos era evidente. Porém para ella ser admittida como base de regulação da distribuição sanguinea era preciso admittir ao mesmo tempo uma entidade, que tivesse a funcção de abrir os vasos, quando a circulação é necessaria, e de os fechar, quando é desnecessaria. Ora esta entidade tinha que ser consciente, e esta condição e a existencia d'ella não podem ser acceitas desde que sabemos que a circulação não se dirige aonde nós queremos, mas aonde a usura por funcção a sollicita. Assim, quando nós pômos em movimento um musculo, a maior actividade que então se dá na sua circulação não é em virtude da nossa vontade, mas em virtude da natureza mesma d'esse movimento. Ou por meio de um artificio ou por meio da funcção é que o sangue corre a alimentar um órgão. Isto succede em todas as partes do organismo, onde essa sollicitação independente do systema nervoso é a força que distribue o sangue. E não devemos aqui confundir as circulações locaes com os movimentos automaticos. Estes são provocados só no systema nervoso, quer o excitante seja um sentido, quer seja um agente chimico. Na vida embryonaria a circulação é tão regular como na vida extra-uterina, o que prova que ella é na sua distribuição nutritiva independente do systema nervoso. E' portanto certo que o sangue se dirige para o órgão cuja funcção o sollicita, por um processo exclusivamente physico. E como sabemos que o sangue caminha por um impulso mechanic e por uma differença chimica, este ponto não deve offerecer duvida. O órgão que funciona dispense os productos que lhe leva o sangue e o dispendio dá-se na fórma de uma oxydação. Por outro lado a pressão das paredes dos vasos sobre o sangue é menor quando o conteudo d'elles é mais depressa assimilado. Portanto é facil comprehender que quando um órgão funciona abre, por assim dizer,

caminho ao sangue, sem ser precisa nenhuma influencia nervosa. Por aqui já nós vemos que a theoria dos nervos constrictores e dilatadores não explica os equilibrios das circulações locais. Mas esta theoria funda-se em experiencias, e se não é verdadeira é preciso que estas experiencias o não sejam pelo menos na interpretação que se fez d'ellas.

Como dissemos, os vasos sanguineos têm a propriedade de augmentar e de diminuir de calibre.

Por outro lado é certo que os chamados nervos vaso-motores exercem uma acção sobre esta propriedade. Para que esta acção seja nervosa é preciso que seja constante e uniforme, e para que d'ella dependam a contracção e a dilatação dos vasos é preciso que elles percam essa propriedade na ausencia dos nervos vaso-motores. É o que não se dá. Depois da secção dos nervos esplanchnicos, os vasos das visceras do abdomen enchem-se de sangue e dilatam-se, mas ao fim de algum tempo estes vasos voltam ao seu estado normal, sem que os nervos cortados se reünam. Assim se verificou tambem depois da secção do nervo sciatico que produz um augmento de vascularisação, augmento, que em poucas semanas desce á temperatura normal e mesmo abaixo. Que o esgotamento causasse, o que não é crível, a constrictão dos vasos dilatados, seria até certo ponto conforme com a theoria, mas mesmo para isto é necessario que se admitta, como Goltz, para os vasos sanguineos centros ganglionares como os do coração, e desde que estes centros são admittidos, como o são por Vulpian, Rouget, Claude Bernard, tem que se admittir que são nervos motores os que os dirigem, e que portanto esses nervos exercem uma acção nervosa necessaria. Porém, como nos provam aquellas experiencias, essa acção pôde ser dispensada sem causar mais que uma perturbação passageira. Se isto parece mostrar que os nervos vaso-motores não são realmente motores, as experiencias pelo curare (*Nouveaux Éléments de Physiologie Humaine*. H. Beaunis, p. 965), não dando uma prova decisiva d'isto, mostram pelo menos que estes nervos são de uma qualidade mais ou menos differente da dos nervos motores propriamente ditos. Ao passo que o curare ataca de paralyia completa os motores, os vaso-motores são apenas um pouco enfraquecidos pela acção d'este veneno. Porém, devemos dizel-o, Claude Bernard affirma, que n'um *envenenamento bem completo* pelo curare a irritação do pneumo-gastrico não suspende os movimentos cardiacos. Esta circumstancia do *envenenamento bem completo* alliada á maior facilidade com que o curare obraria sobre os nervos motores do coração, porque a acção d'este veneno, como provou Claude Bernard, se faz pelo centro peripherico, e nenhum nervo se acha como o pneumo-gastrico em condições

de receber mais promptamente as influencias do curare,—parece, apesar de tudo, provar uma certa differença entre as propriedades dos nervos motores e as dos vaso-motores. Porém dispensa-se este ponto. Para que existissem os nervos constrictores e dilatadores como reguladores das circulações locais, era preciso que essas duas ordens de nervos se distribuíssem egualmente por todo o systema vascular, e está quasi provado o contrario. Os unicos cuja acção tem sido observada em todo o organismo são os nervos constrictores; os nervos dilatadores, cujas funcções tinham que ser mais importantes, porque elles deveriam na theoria ser os que facultam aos órgãos em actividade o alimento sanguineo, apenas são conhecidos em alguns órgãos. E todavia deviam ser estes os que mais facilmente se deixassem revelar. A idéa de um *tonus vascular*, a meia-contracção permanente dos vasos sustentada pela continua actividade dos centros vaso-motores, não se percebe com a explicação geralmente dada. Como demonstrou Goltz, basta este *tonus vascular* para fazer circular o sangue durante um certo tempo depois da suspensão do coração. Só por si a meia-contracção permanente mostra a incompatibilidade entre a permanencia da dilatação e a circulação, porque, como se sabe, não é senão por um movimento de contracção e de dilatação dos vasos que o sangue pôde passar de uns capillares a outros. Além d'isso, admittindo que o *tonus vascular* é o effeito da acção equilibrada dos nervos vaso-motores, tem que se admittir que, faltando um d'estes nervos, ao *tonus vascular* se deve seguir ou a dilatação completa ou a constrictão completa, o que, como se viu, não acontece. «Por outro lado, nota um distincto medico portuguez, o sr. Miguel Bombarda, no seu bello livro *Das Dystrophias por Lesão Nervosa*, dada essa hypothese e havendo portanto para cada vaso duas influencias nervosas antagonistas—uma determinando a sua contracção, outra a sua dilatação—, o desaparecimento de uma d'ellas pela secção do nervo correspondente determinaria um predominio de acção da outra; assim o corte do sympathico da glandula sub-maxillar produziria uma dilatação vascular e inversamente a secção da corda do tympano seria seguida da ischemia da glandula. Ora, emquanto que o primeiro facto está demonstrado e como em qualquer outro órgão a nevro-paralysis vascular das fibras annulares o explica sufficientemente, o segundo ainda por ninguem foi observado; a secção da corda do tympano não é acompanhada de qualquer alteração apreciavel da glandula sub-maxillar ou da metade correspondente da lingua.» O sr. Bombarda não apresenta este argumento com o fim com que nós o pômos aqui, mas para mostrar que os nervos vaso-dilatadores não obram directamente sobre o vaso. Julga este medico que os nervos vaso-dilatadores exer-

cem a sua acção sobre os ganglios vaso-constrictores, paralyndo-os. Para isso funda-se em que a contracção de fibras-cellulas musculares dando o resultado conhecido da dilatação vascular, não está provada histologicamente.

Conforme com o que dissemos sobre o *tonus vascular*, inclinamo-nos para este lado no ponto em que é negada a influencia directa dos nervos vaso-dilatadores sobre os vasos; porém não podemos conceber de que ordem seja o estímulo paralyzador levado por aquelles nervos aos ganglios constrictores. Não só esta acção não tem analogia nas acções nervosas, como encontra a prova contraria na dilatação dos vasos independente dos nervos vaso-dilatadores, e ainda encontraria contra si a concordancia das circulações com as funcções locaes. E a final isto não explica as funcções dos nervos vaso-motores, porque ou elles regulam nervosamente a dilatação e a constricção dos vasos sanguineos, e n'este caso esta propriedade dos vasos deve ser perdida com a perda d'esses nervos, o que, como se vê pela acção d'elles, que não impede os movimentos circulatorios equilibrados, não succede, ou não regulam nervosamente os capillares, o que portanto se tem que aceitar, e então vemo-nos obrigados a não admittir a sua existencia physiologica. Porém os nervos vaso-motores existem anatomicamente, o que prova que elles têm uma funcção physiologica. Simplesmente se verifica que elles têm effectivamente propriedades que se exercem sobre os vasos sanguineos, e que estas propriedades não são nervosas, embora localizados em nervos. Isto é um paradoxo, mas é um facto incontestavel, pois que se não comprehenderia a existencia dos nervos destinados a dirigir um orgão que sem elles funciona igualmente bem. Aqui devemos observar uma particularidade. O apparecimento dos nervos nos organismos devia vir muito depois do do systema sanguineo; ora, se existem os nervos vaso-motores, foi uma necessidade da circulação que os motivou; mas considerando a acção d'estes nervos como nervosa propriamente dita, vemos que essa necessidade não podia dar-se, porque os vasos sanguineos continuam funcionando depois da morte dos seus nervos. Porém não podia ser senão uma necessidade a origem dos nervos vaso-motores, e essa necessidade devia forçosamente estar na circulação. Como se concilia isto tudo? É o que, depois de nos determos em algumas considerações, nos occupará. Perante as incoherencias, as desconcordancias com os phenomenos e as incompatibilidades das theorias vaso-motoras, Goltz procedeu a experiencias em que podesse fundamentar uma irrecusavel explicação da influencia do systema nervoso sobre o systema vascular. Levado, como muitos outros physiologistas, a admittir para os vasos centros ganglionares semelhantes aos centros gan-

glionares do coração, Goltz concluiu com os factos por estabelecer que os vasos não perdiam a sua tonicidade com a perda das suas connexões com a medulla, porque os pequenos centros de que depende esta tonicidade se localizam nos vasos. É exactamente porque esta conclusão é verdadeira que se não comprehende a acção dos nervos vaso-motores. Porém Goltz adopta como nervosa esta acção. Assim elle entende que nos casos de augmento de circulação por secção, não é uma paralyisia que produz a dilatação vascular, mas uma excitação. Effectivamente esta deve ser a verdade, porque sendo uma paralyisia a consequencia da secção não podia haver contracção dos vasos, e portanto circulação; mas tambem a excitação não pôde ser consequencia da secção, porque se não pôde admittir que do corte de um nervo não resulte immediatamente a perda da funcção d'esse nervo. Goltz, querendo provar que os nervos vaso-motores têm uma acção analoga á dos nervos de suspensão e de acceleração do coração, com o que elle orientou melhor os experimentadores, mostrou que a excitação directa do nervo sciatico lhe deu uma dilatação e não uma constrictão vascular, e que a excitação do nervo ischiatico, se bem que occasionou uma contracção, esta foi passageira e deu logar em seguida ao estado de uma dilatação persistente. Nos movimentos cardiacos vemos que uma pequena excitação do pneumo-gastrico traz, em vez da paragem, uma maior rapidez dos movimentos, mas, att n'itando-se cuidadosamente no phenomeno, observa-se uma ligeira suspensão do orgão. É isto o que succedeu na excitação do nervo ischiatico, e é o que é provavel ter-se dado na do sciatico, como explicaremos. Assim Goltz tinha razão em comparar os nervos vaso-motores aos nervos cardiacos. Mas no que elle não attentou foi em que a acção d'esses nervos não pôde ser nervosa, e d'ahi nasceram as suas explicações confusas, de que não nos occuparemos.

(Continua)

SILVA GRAÇA.